SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SULDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO ARAGUAIA TOCANTINS

PRISCILA DIAS PINTO

UMA IMERSÃO ETNOGRÁFICA: "O FESTEJO DO DIVINO" NA VILA ESPÍRITO SANTO-MARABÁ-PA

MARABÁ
2017

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SULDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO ARAGUAIA TOCANTINS

PRISCILA DIAS PINTO

UMA IMERSÃO ETNOGRÁFICA: "O FESTEJO DO DIVINO" NA VILA ESPÍRITO SANTO-MARABÁ-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências Sociais do Araguaia Tocantins da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito final para obtenção do grau de (Licenciado Pleno / Bacharel) em Ciências Sociais, sob orientação do Prof.ª Dr.ª Gisela Macambira Villacorta.

MARABÁ
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA

Pinto, Priscila Dias
Uma imersão etnográfica: "O Festejo do Divino" na Vila Espírito Santo-Marabá-PA / Priscila Dias Pinto ; orientadora, Gisela Macambira Villacorta. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências Sociais do Araguaia Tocantins, Curso de Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Sociais, Marabá, 2017.

1. Festa do Divino - Orações e devoções – Marabá (PA). 2. Espírito Santo. 3. Antropologia da religião. 4. Religião e cultura. I. Villacorta, Gisela Macambira, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 306.6098115

Elaboração: Alessandra Helena da Mata Nunes
Bibliotecária-Documentalista CRB2/586

Dedico este trabalho primeiramente á minha família pelo incentivo e a força que me deram para a conclusão desta graduação, e á minha companheira de graduação e de vida Sheila Kaline Leal da Silva que me incentiva na busca dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Nossa Senhora de Nazaré que sempre fortaleceu minha fé diante desta caminhada e ao Divino Espírito Santo.

Á professora Celia Congilio que proporcionou o começo deste trabalho.

Á professora Etiane Patricia, pois foi a partir da disciplina ministrada pela mesma que desperta meu interesse sobre os estudos religiosos dentro da antropologia.

Á professora Gisela Macambira pela minha introdução na Antropologia da Religião.

Á professora Joseline Trindade pela experiência na monitoria em antropologia que alargou meu aprendizado na mesma.

Á professora doutora Luiza Mastop pela experiência na monitoria em antropologia e em seu projeto de extensão que me proporcionou um alargamento na antropologia, e também por sempre me incentivar durante esta caminhada.

Á minha família, em especial as minhas duas mães Maria Iraides e Maria Ivone e aos meus pais Raimundo Nonato e Jose Isaias.

Aos meus amigos pela compreensão em meio as minhas ausências.

A toda a turma de ciências sociais 2013 da UNIFESSPA, da qual tive o prazer de fazer parte e onde levo companheiros para a vida.

A toda turma de ciências sociais 2014 da UNIFESSPA por me receber de braços abertos em minhas experiências como monitora da mesma.

A Mirian por me apresentar toda a festividade de uma maneira mais clara, por me receber em sua casa juntamente com seu pai seu Joaquim, me fizeram sentir como parte de sua família, durante todo o período que estive em campo.

A toda comunidade da vila Espírito Santo, por me receber de forma tão acolhedora.

Á minha amiga Sheila Kaline, por toda ajuda no campo e estar comigo em todas as horas sejam elas boas ou ruins, e por nunca me deixar desistir.

Á professora Edma Moreira pela paciência em meio as minhas duvidas.

Á professora Vanessa pelo incentivo durante esta caminhada.

Ao Erick Chavito pela ajuda em campo, pois sem ele não teria conseguido fazer a maioria dos acontecimentos durante a festividade.

Ao Jeferson Lima pelas edições de fotografias.

A toda equipe da xerox papaléguas que fica no interior da universidade, em especial a Clarisse e a Kesia.

Ao seu Lucenio e Dona Carmem pelo incentivo nesta caminhada.

Ao Ademir Martins que durante esses quase cincos anos de graduação acabou se tornando meu terceiro pai e que incentiva o meu crescimento nesta caminhada da vida.

“Devo concentrar-me nas minhas ambições e trabalhar para algum fim”.
(MALINOWSKI).

RESUMO

Este trabalho trata de um elemento cultural de extrema importância para os moradores da vila Espírito Santo no município de Marabá-Pará-Brasil, ou seja, a festa religiosa do Divino, a partir das narrativas de alguns de seus participantes. A Festa do Divino Espírito Santo, vinculada à religião católica, ocorre no município de Marabá assim como em outros municípios, e em outros estados, sua estrutura consiste basicamente de ladainhas e banquetes. Dessa forma, vamos abordar as particularidades locais em que estas práticas religiosas estão inseridas como, por exemplo, a usina Hidrelétrica de Marabá que será construída nas bacias hidrográficas do Araguaia e do Tocantins. Outro aspecto importante é que a partir do falecimento de uma personagem central, considerada como a fundadora desta festividade, a mesma não ocorre com maior intensidade ritual que anteriormente tinha, sendo assim, daremos uma abordagem antropológica levando em consideração a relação entre religião e memória. Nessa pesquisa vamos entender a partir da origem dessa festividade usando a ótica etnográfica buscando compreender a dinâmica dessa festa, e fazer interseções entre a pesquisa de campo e o caráter imaterial da festividade do Divino. E como ela se representa então nesta vila que apresenta, no entanto algumas particularidades.

PALAVRAS-CHAVE: Festa do Divino; Cultura; Espírito Santo.

ABSTRACT

This work deals with a cultural element of extreme importance for the residents of the town of Espirito Santo in the municipality of Marabá Pará Brazil, that is, the religious feast of the divine, based on the narratives of some of its participants. The Feast of the Divine Holy Spirit, linked to the Catholic religion, takes place in the municipality of Marabá as well as in other municipalities, and in other states, its structure consists basically of litanies and banquets. Thus, we will address the local particularities in which these religious practices are inserted, such as the Marabá Hydroelectric Power Plant that will be built in the Araguaia Tocantins hydrographic basins. Another important aspect is that from the death of a central character, considered as the founder of this festival, it does not occur with greater ritual intensity than previously had, so we will take an anthropological approach taking into account the relationship between religion and memory. In this research we will understand from the origin of this festivity using the ethnographic perspective to understand the dynamics of this festival, and to make intersections between the field research and the immaterial character of the festival of the Divine. And how it is represented then in this village that presents, nevertheless some peculiarities.

KEYWORDS: Feast of the Divine; Culture; Holy Spirit.

SUMÁRIO

OS "PRIMEIROS PASSOS" NA ANTROPOLOGIA 15

1- REVISITANDO A VILA DO ESPÍRITO SANTO 23
1.1 Breve histórico sobre a festa do divino e a sua estrutura ritual 26
1.2 Laços de pertencimento 29

2- UMA IMERSÃO ETNOGRÁFICA 34
2.1 O folião "seu Zezim": A preocupação com a tradição 37
2.2 O festejo na vila 41
2.3 Visitando os foliões já falecidos (caminhada ao cemitério) e um registros dos cânticos lá entoados 56
2.4 A cavalda 61
2.5 A comensalidade como parte integrante do processo ritual 63
2.6 O levantamento e derrubada do mastro 67
2.7 Delimitação do espaço dentro da festividade 72

3- A FESTIVIDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E SEU SIGNIFICADO RITUAL 74
3.1- A barragem x Cultura imaterial 79

CONSIDERAÇÕES FINAIS 82
REFERENCIAS 84

LISTA DE FOTOS

Foto 1- Entrada da Vila Espírito Santo 25
Foto 2- Por entre as ruas da Vila 35
Foto 3- Eu e Sheila na beira do rio Tocantins 36
Foto 4- Seu Zezim 38
Foto 5- A salva, visão por cima 44
Foto 6- A salva, visão frontal 44
Foto 7- A Pomba do Divino e a fita vermelha 45
Foto 8- Foliões e moradores arrumando a bandeira 45
Foto 9- O caxeiro e sua caixa 46
Foto 10- Ensaio dos foliões 49
Foto 11- Moradores e visitantes agradecendo o Divino 49
Foto 12- Tenda onde os foliões dormem 53
Foto 13- A caminho do cemitério, foliões e alguns moradores 58
Foto 14- O túmulo de Dona Maria da Conceição 60
Foto 15- O cruzeiro 61
Foto 16- O salverinho 61
Foto 17- Capitão do mastro, alferes, anjos, rosas e os foliões na recepção da cavalgada 62
Foto 18- A mesa do almoço de sábado 65
Foto 19- A mesa do almoço de domingo 66
Foto 20- Translado do capitão do mastro 68
Foto 21- A junção da bandeira com o mastro e o levantar do mastro 69
Foto 22- A bandeira da alferes 69
Foto 23- Os foliões na derrubada do mastro 70
Foto 24- Bandeira sendo devolvida a alferes, para que ela passe para a próxima guardiã da bandeira 71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Participação dos moradores na festividade 33

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Imagem via satélite da vila 23
Imagem 2- Programação da festividade do Divino na vila Espírito Santo 41
Imagem 3- Croqui dos três espaços em que a circulação é maior durante a festividade 55

LISTA DE SIGLAS

UNIFESSPA- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAB- Movimento dos Atingidos por Barragem
VALE S. A.- Companhia Vale do Rio doce
UHE-Marabá- Usina Hidrelétrica de Marabá

OS “PRIMEIROS PASSOS” NA ANTROPOLOGIA

O trajeto até minha inserção nos estudos sobre religiosidade se dá a partir de 2013 com a Disciplina Teorias Políticas Clássicas II, ministrada pela Prof.ª Dr.ª Celia Congílio e da disciplina Diversidade Cultural Brasileira ministrada pela Prof.ª M.Sc. Etiane Patrícia.

A dinâmica se constituiu da seguinte forma: criamos um grupo de pesquisa que era composto por três discentes, Sheila Kaline, Jéssica Silva e eu, a professora Célia propôs que nossa turma de Ciências Sociais, pesquisasse algo que tivesse relação com os impactos nas relações sociais e ambientais na dinâmica social da região, foi então que neste momento influenciada pela trajetória regional que sempre é palco de implantação de grandes projetos desde a década de 1960 com a construção da Transamazônica, no momento de nossa pesquisa o assunto construção da Hidrelétrica de Marabá estava constantemente em pauta, optamos por verificar como se daria tal construção. Ao fazermos pesquisas preliminares e dialogar com a professora Célia Congílio, observamos que a vila do Espírito Santo iria ser impactada de forma direta pela construção da usina e a partir daí nosso interesse foi despertado.

Traçamos um plano de estudo e nos dirigimos para nossa primeira visita ao campo. Eu, Sheila Kaline, Jessica Silva ao chegarmos à vila fomos recebidas com desconfiança, pois os moradores se encontravam receosos em perder suas propriedades, pois com a construção da barragem a vila seria inundada, nos identificamos como discentes do curso de Ciências Sociais, explicamos nosso estar lá e o objetivo de nossa pesquisa, até o presente momento não tínhamos a menor ideia sobre a existência da festividade do Divino.

Dessa forma nos apresentamos e fomos indicadas a procurar uma mulher chamada Miriam esta muito atuante na comunidade. Neste tempo ela era a então presidente da associação dos moradores da vila, porém mais abaixo explicarei com detalhe a importância da mesma neste trabalho. Assim que ganhamos espaço naquela localidade e mostramos aos moradores que nosso interesse era totalmente contrário á barragem, gradativamente os espaços foram se abrindo, fomos conhecer a vila, andamos por toda sua extensão, realizamos conversas com vários moradores, fizemos alguns registros fotográficos e anotações, dentre elas o porquê que a vila se chamar Espírito Santo. Foi nos explicado que o nome se dera por causa da festividade do Divino Espírito Santo que era realizada lá. Encerramos nossa visita já pela parte da tarde e combinamos voltar dessa vez com um questionário e um gravador para realizar entrevistas.

À noite, já na Universidade durante a aula da disciplina Diversidade Cultural ministrada pela professora Etiane, nos foi solicitado um trabalho que abordasse manifestações culturais, de uma forma quase sincrônica olhamos uma para a outra e pensamos na festividade como objeto de pesquisa para a referida disciplina, nesta a discente Jessica fez opção por pesquisar outro tipo de manifestação cultural, ficando assim apenas eu e a discente Sheila Kaline encarregadas do trabalho sobre festividade do Divino espírito santo.

Embora a construção da Hidrelétrica de Marabá tenha sido ponta pé inicial para este trabalho, vou me deter a explicar sobre o trabalho de diversidade cultural, pois o mesmo foi crucial para minha pesquisa. Ao nos reunimos decidimos então desenvolver a temática " A representação da festividade do Divino na vila Espírito Santo" que resultou em um artigo conceituado com excelente na disciplina.

Com o passar do tempo minha familiaridade com a antropologia foi ficando cada vez mais evidente e associada ao contato cada vez maior com as teorias antropológicas, com duas monitorias na turma de Ciências Sociais 2014, um semestre na disciplina Teoria Antropológica Contemporânea coordenada pela Prof.ª Dr.ª Joseline Simone Barreto Trindade sendo imersa a autores como Lévi-Strauss, Adam Kuper e Clifford Geertz, e outra na disciplina Etnologia Indígena e Politicas Indigenistas, ministrada pela Prof.ª Dr.ª Luiza de Nazaré Mastop Lima aqui me insiro ainda mais na pesquisa de campo na antropologia e continuo ate o momento da escrita deste meu TCC numa bolsa de extensão com o titulo "Conhecimentos tradicionais e científicos em via de mão dupla: cultura material, educação e identidade na e a partir da universidade", com a professora Luiza que me incentiva constantemente aos estudos antropológicos.

Cada vez mais inserida, me aprofundando e vivenciado cada vez mais inúmeros relatos de campo, decidi então que levaria o trabalho sobre a festividade do Divino Espírito Santo para um viés antropológico consultei minha parceira de pesquisa do trabalho anterior que não só me incentivou como também disse estar ansiosa para ver o fruto da pesquisa. Iniciando o percurso da pesquisa com a procura de um orientador ou orientadora para o aprofundamento e desenvolvimento de um trabalho de conclusão de curso, chego então até a Prof.ª Dr.ª Gisela Macambira que tem um renome em estudos sobre religiosidade, desde 2016 que começamos a articular sobre este tema, sendo que primeiramente fizemos um artigo com a mesma temática para o II encontro humanístico multidisciplinar - EHM e I congresso latino-americano de estudos humanísticos multidisciplinares.

Ao fazer minhas pesquisas sobre a festividade e procurar trabalhos que pudessem contribuir com minha pesquisa, encontrei um trabalho realizado em 2006 por um discente chamado Joseli da Silva também do curso de Ciências Sociais este teve como objeto de pesquisa de trabalho de conclusão de curso a seguinte temática "Foliões, devotos e Promesseiros: um olhar sobre o "velho" e o "novo" na festa do Divino da Vila Espírito Santo", trabalho este que também retrata a festividade do Divino na mesma vila na qual desenvolvi minha pesquisa e que por coincidência também temos a mesma orientadora Prof.ª Dr.ª Gisela Macambira.

É importante fazer algumas considerações entre o meu trabalho de campo e o do discente Joseli, algumas particularidades nos diferencia, uma delas e ó aspecto cronológico 11 anos depois de seu trabalho de campo, a questão de gênero que implica em algumas limitações de espaço dentro da festividade, a construção da Hidrelétrica de Marabá.

Para nos situarmos de forma mais didática neste trabalho é importante perceber a dinâmica da construção da Hidrelétrica de Marabá e a forma como a mesma está ligada á vila do Espírito Santo.

> A usina Hidrelétrica de Marabá será construída nas bacias hidrográficas do Araguaia Tocantins, com uma potência de 2.160 mW, com uma área de inundação de 1.115 km2 e afetará cerca de 40.000 pessoas segundo dados oficiais, seu custo e de US$ de 2.0000 bilhões tem como órgão responsável o Ministério de Minas e Energia, e como empresas executoras a Construções e Comercio Camargo Corrêa S/A e a Eletronorte, sua unidade federativa e a MAPATO. Os municípios que serão atingidos pela construção são: Bom Jesus do Tocantins/PA, Brejo Grande do Araguaia/PA, Marabá/PA, Palestina do Pará/PA, São João do Araguaia/PA, Ananás/TO. Araguaia/TO, São Pedro da Água Branca/MA está em estágio preparatório. Dentre seus planos de investimentos estão, Plano Decenal de expansão de energia 2020, Brasil / Plano Decenal de expansão de energia 2021, Brasil,/ Programa de Aceleração do Crescimento, Brasil. Populações indígenas afetadas, Gavião (Terra Indígena Mãe Maria) Parkatejê (Terra Indígena Mãe Maria), dentre as áreas protegidas afetadas estão o Park estadual do encontro das águas, Seu licenciamento está aguardando elaboração de estudo ambiental. A hidrelétrica de Marabá está planejada para ser construída distante a 4 km a montante da Ponte Rodo ferroviária do Tocantins, com um prazo de construção médio de oito anos. (JUSTIÇA NOS TRILHOS, 2014).

A vila Espírito Santo que será atingida pelo projeto de aproveitamento Hidrelétrico de Marabá (PA) vai produzir energia para atender principalmente os grandes projetos econômicos da região, além de possibilitar a navegabilidade do lago que vai se formar e de uma parcela do Rio Tocantins, uma das justificativas para o projeto é a hidrovia Araguaia Tocantins já que a mesma fará a integração e facilitará o escoamento de diversos produtos da região, o minério é um exemplo, a Usina Hidrelétrica de Marabá irá atender prioritariamente as outras regiões onde o consumo energético é bem superior ao nosso.

A vila encontra-se em uma posição estratégica que será completamente inundada. Um grande paredão de concreto e aço irá dividir a comunidade, um lado dará lugar à barragem e do outro lado o canteiro de obras, fazendo com que não se tenha mais condições de sobrevivência, enfatizando aqui como essas grandes obras em favor do progresso e do grande capital trazem consigo danos irreparáveis.

Com a possível implantação da Hidrelétrica de Marabá muitos aspectos foram percebidos em relação à dinâmica de vida não só da vila. Essas mudanças, de uma forma direta, alteram toda uma dinâmica regional, por exemplo, quem mora no centro de Marabá e municípios vizinhos, ou mesmo quem vem de fora da cidade ou do Estado, em busca de sossego nos meses de veraneio, tem como principal referencia a vila do Espírito Santo, a mesma oferece tranquilidade seja nas chácaras existentes ou para frequentar as praias que se formam no rio durante os meses de seca já que é tida pelos moradores da região como uma das mais limpas. Tudo isso é colocado em risco e possivelmente irá acabar, há um impacto direto nas famílias que sobrevivem da venda de comida e bebidas na beira do rio, da pesca já que na vila moram pescadores, e essa é a única fonte de subsistência para elas. O turismo local é uma fonte de renda dos moradores da vila alguns ganham a vida como barqueiros, manobrista, outros vendem polpa de frutas cultivadas nos quintais, galinhas dentre outras coisas.

O MAB (Movimentos dos Atingidos por Barragem) é algo que encontramos em nossa primeira visita ao campo fator que também não é citado no trabalho do discente Joseli. Este no retorno ao campo, está mais presente e forte na vila, conseguimos ver os moradores mais atuantes na causa , alguns já fazem parte do MAB e tivemos também a felicidade de saber que os moradores estão entrando na universidade nos cursos do Direito da Terra e Educação do Campo. [1]

Outra importante diferença no trabalho do discente Joseli e este é o falecimento de dona Maria da Conceição que na época era a informante chave de Joseli Silva, que neste trabalho parece acrescida de uma responsabilidade de manter a tradição, já que o resultado da pesquisa apontou que a mesma era fundamental para manter a tradicionalidade da festa que vem perdendo elementos significativos desde sua morte. A pesquisa que deu base a este trabalho foi realizada tendo a senhora Miriam, acima citada, como minha principal informante. É importante enfatizar que a mesma é filha da senhora Maria da Conceição. No

[1] 2 discentes do Direito da Terra e 4 discentes da Educação do Campo.

decorre da minha etnografia evidenciarei mais profundamente aos leitores essas diferenças entre um campo e outro, pois elas ficarão bem evidentes.

A festividade acontece em algumas localidades da cidade de Marabá-Pará-Brasil, trazendo com ela algumas particularidades, a festividade na vila tem suas origens e fundamentos na religião católica. Minha intenção e tentar mostrar como as relações se davam depois da morte de Dona Conceição, e como estaria à nova dinâmica, o que se perdeu com o passar dos anos, como a vila se encontra neste momento, e principalmente perceber como essas relações aconteciam, buscando comprovar a ocorrência das hipóteses me insiro diretamente dentro da festividade em uma observação participante.

O retorno ao campo para este trabalho aconteceu no dia 13/05/17 sábado, durante toda essa minha trajetória acadêmica, minha amiga Sheila Kaline me acompanha e não foi diferente neste "retorno a campo", estávamos na expectativa em voltar à vila, já com o meu objeto de fato "A festividade do Divino Espírito Santo" e durou até o dia 05/06/17 entre idas e vindas e o campo solitário de fato. Contudo para este trabalho ser realizado somam-se um total de 22 dias de campo.

> A característica mais marcante do trabalho de campo antropológico como forma de conduta é que ele não permite qualquer separação significativa das esferas ocupacional e extra-ocupacional da vida. Ao contrário, ele obriga a essa fusão. Devemos encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos. (GEERTZ 2001, p. 45).

A festa do Divino na vila possui algumas particularidades ela foi iniciada pela família de dona Maria da Conceição, hoje falecida. A vila do Espírito Santo possui esse nome em função da festividade já que o Divino Espírito Santo e padroeiro da Vila. Como já havia mencionado este trabalho se deu como forma de aprofundamento de um trabalho que teve início logo no começo de minha graduação, eu e minha companheira de trabalho Sheila Kaline, nos deparamos com esta temática, em meio as nossas pesquisas de campo sobre a UHE-Marabá, onde a vila do Espírito Santo seria afetada diretamente por este empreendimento, pois a mesma encontra-se em uma posição estratégica que será completamente inundada, o planejamento e a construção de um grande paredão de concreto e aço irá dividir ao meio o espaço onde se encontra a comunidade, um lado dará lugar à barragem e o outro ao canteiro de obras, fazendo com que não se tenha mais condições de sobrevivência naquele lugar, o que afeta a comunidade de uma maneira tanto material como imaterial, a partir deste trabalho de campo cresce meu interesse na temática.

A festividade acontece em algumas localidades da cidade de Marabá-Pará-Brasil, trazendo com ela algumas particularidades, o foco desta pesquisa e a comunidade da vila Espirito Santo que traz como tradição o "Festejo do Divino", a mesma fica situada em uma área rural da cidade de Marabá, a festividade na vila tem suas origens e fundamentos na religião católica. Minha intenção e tentar mostrar como as relações estavam depois da morte de Dona Conceição, e como estaria à nova dinâmica e se eu encontraria semelhanças entre a festividade daqui e as demais, buscando comprovar a ocorrência das hipóteses me insiro diretamente dentro da festividade em uma observação participante.

> Toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma duvida ou com uma pergunta, articuladas, mas que também podem demandar a criações de novos referenciais.
> Esse conjunto de conhecimento anterior, construído por outros estudiosos e que laçam luz sobre a questão de nossa pesquisa e chamado teoria. (DESLANDES, 2002, p.18).

Algumas ferramentas metodológicas me auxiliaram para o começo desta pesquisa:

- Pesquisa bibliográfica: Com o objetivo de compreender a historicidade da festividade em um contexto geral, buscando em meio a trabalhos já concluídos sobre a temática no intuito de uma melhor compreensão para a imersão a campo a busca também se deu em meio a documentos encontrados na Casa da Cultura de Marabá.
- Observação participante: Permitiria ser inserida de forma direta dentro da festividade podendo ser aceita ou não pela comunidade.
- Entrevistas estruturadas e semi-estruturadas: Auxiliariam-me em como contar as historias entre os intervalos de espaço que se situam em antes e depois da morte de Dona Conceição, o intuito das mesmas era pra se fazer antes da festividade na minha visão isso me daria um acesso maior a toda aquela dinâmica que se daria durante a festividade, ouvindo as vozes dos representantes da festividade na vila e as vozes da comunidade num todo.
- Observação direta da área: Analisar o espaço e como ela funcionava era uma das minhas mais pertinentes questões.
- Análise de documentos: No intuito de constatar o que eu havia lido e o que eu havia vivido tendo uma maior propriedade para comparação.
- Aplicação de questionário: O questionário foi pensado numa perspectiva semiestruturadas. Registro fotográfico: Para que as pessoas pudessem ver o que eu havia visto durante o meu período de campo e me daria uma forma melhor para algumas explicações.
- Análises qualitativa e quantitativa: Para uma tentativa de dar andamento a pesquisa.

Objetivos: Fazer uma imersão etnográfica das etapas, estrutura do ritual do Festejo do Divino, trazendo o "presente etnográfico", "fixar o dito" e torná-lo acessível para outras pesquisas sobre o tema do festejo do Divino ou outras formas de entrelace entre festejo e religiosidade.

Problemática: minhas inquietações iniciais partiram das seguintes perguntas, após as minhas primeiras idas ao campo, isto é, como estaria se configurando atualmente o festejo do divino após o falecimento de D. Conceição, que protagoniza um das personagens mais importantes do ritual, a "imperadora". Por outro lado, me perguntava também sobre os efeitos da barragem neste elemento de extrema importância cultural para os moradores(as) da Villa Espírito Santo.

Justificativa: a importância que este trabalho apresenta, é que existem somente uma pesquisa, além da que realizei, sobre esta temática que se mostrou preponderante na vida dos moradores(as) da Vila Espíritos santo, pois desde a minha primeira ida ao campo, quando eu nem imaginava pesquisar este tema, fui na localidade, como apresento em minha narrativa no capítulo I, com a intenção de fazer um campo relacionado ao tema específico sobre os efeitos da barragem na comunidade muito mais relacionados aos seus aspectos políticos e econômicos, que se transformaria em um trabalho final de uma disciplina na área da ciência política. Porém, um dos primeiros elementos que surgem nas conversas e entrevistas é que o nome da vila está diretamente relacionado ao "Festejo do Divino".

No primeiro capitulo, mostro aos leitores como chegar à vila Espírito Santo, mostrando um breve histórico sobre a festividade, busco também explicar aos leitores o significado de cada um dos personagens que compõem o "Festejo do Divino", e mostrando ainda os laços de pertencimento que dão significado particular a festividade nesta localidade.

No segundo capitulo faço uma imersão etnográfica no "Festejo do Divino", esta imersão é constituída a partir das seguintes etapas: "O festejo na vila", "Visitando os foliões já falecidos (caminhada ao cemitério), "registros dos cânticos lá entoados", "A cavalgada", "A comensalidade como parte integrante do processo ritual" e "O levantamento e derrubada do mastro". Finalizo o capítulo problematizando o espaço que me foi reservado nesta imersão etnográfica, ou seja, toda a ritualização em torno da preparação do almoço que é oferecido durante o festejo, em contraposição aos outros espaços demarcadamente como domínios masculinos.

No terceiro capitulo, faço um apanhado geral sobre o conceito de ritual a partir da discussão de Mariza Peirano, com autores clássicos deste tema (ritual), como por exemplo, Van Gennep e Victor Turner . Ainda neste capítulo. Retorno para os meus dados etnográficos com o objetivo de fazer uma comparação com outras pesquisas realizadas cidades e contextos, enfatizando as possíveis semelhanças e diferenças. Vale lembrar que um dos autores que dialogo, Sergio Ferreti, realizou estudos sobre o festejo do divino no Maranhão, fato importante, já que parte dos moradores da Vila Espírito Santo vieram deste estado, como a própria região de Marabá é constituída de maranhenses.

1 REVISITANDO A VILA DO ESPÍRITO SANTO

Como mencionado, a vila do Espírito Santo, nos traz frutos de pesquisas desde 2013, momento este que se inicia o trabalho de campo, o retorno ao campo acontece a partir do momento que delimito que este será meu tema de pesquisa neste trabalho de conclusão de curso. Começo então a mostrar como essa localidade surgiu. A vila do Espírito Santo surge em um contexto econômico peculiar, com a exploração de diamantes que foi uma atividade econômica importante para Marabá. A lavra das gemas iniciou em 1937 em Praia Alta (hoje parte do município de Itupiranga[2]), a região experimentou um grande boom econômico e populacional. Um dos distritos urbanos de Marabá, o distrito de São Félix que trouxe consigo em 1940 o vilarejo Espírito Santo, onde se desenvolveu como uma vila de garimpeiros neste período, concentrando órgãos da Fundação de Assistência ao Garimpeiro (FAG), órgão este vinculado ao Ministério do Trabalho (SILVA; PINTO, 2016).

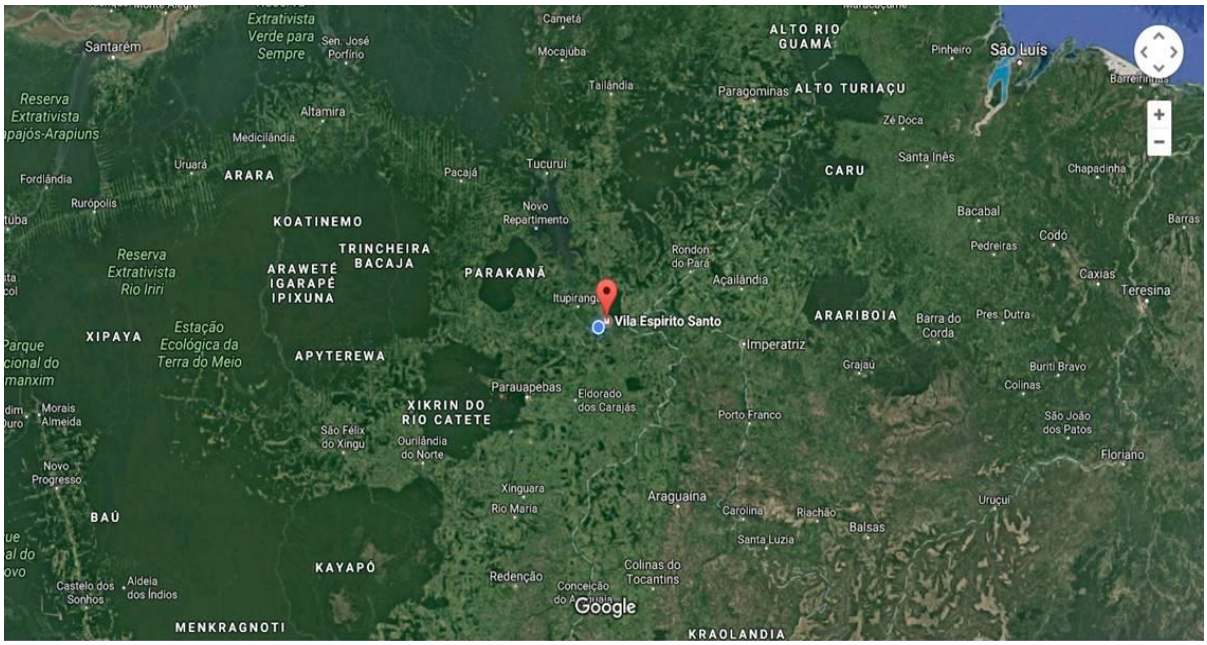


Imagem1: Imagem via satélite da vila
Fonte : Google maps, acesso em 01 de agosto de 2017.

Acima temos a imagem de satélite da vila do Espírito Santo cujo nome é fruto da festividade do Divino espírito santo padroeiro da vila, e tem muitas peculiaridades em relação a outras festas, e possui uma dinâmica própria ao qual a festividade do Divino está entrelaçada com sua história, cultura e formação. A mesma possui moradores com várias atividades econômicas como pescadores e agricultores que se utilizam do cultivo para sua

[2] O município se estende por 7 880,1 km² e contava com 51 258 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 6,5 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Marabá e Nova Ipixuna, Itupiranga se situa a 35 km a Norte-Oeste de Marabá.(http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-itupiranga.html)

subsistência, alguns fazem o transporte de pessoas da entrada da vila até a beira do rio com transportes próprios (freteiros[3]), chaqueiros[4], comerciantes que possuem barracas na beira do rio que nas altas temporadas do verão vivem do fluxo turístico que o rio atrai com a formação de praias na seca.

Outra característica marcante na organização social da vila e que os moradores da vila possuem relações de parentesco inúmeras famílias moram lá com três gerações diferenciadas. "O parentesco é provavelmente o mais universal de todos os universais de cultura, e a base universal de qualquer sistema de parentesco e a família nuclear" (BATALHA, 2003). Os estudos sobre parentesco na antropologia assumiram grande importância nos trabalhos antropológicos, pois essas relações de parentesco são a principal forma de organização social.

> Qualquer sistema de parentesco resulta na conjugação de laços de afinidade e consanguinidade, tal como são definidas pelo próprio 'nativo'. Consequentemente qualquer estudo de parentesco deve começar com o inventario das categorias *emic* de parentesco, ou seja, aquelas que os 'nativos' usam no seu dia-a-dia quando se referem uns aos outros. (BATALHA, 2003, p.101)

Em 2015, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a vila possui cerca de 100 famílias, duas igrejas da congregação Assembleia de Deus, uma igreja católica, uma Escola Municipal de Ensino Fundamental e um posto de saúde.

Para ter acesso à vila existem várias formas, são ruas localizadas á margem da rodovia PA 150 que permitem as entradas para a mesma, a via de acesso que utilizei para a pesquisa da qual este trabalho é fruto fica situada no começo do muro branco da empresa Construfox localizada no núcleo São Felix II, bairro do município de Marabá, onde encontram-se inúmeros carros e motos que fazem frete e transportam pessoas até a vila. O caminho é praticamente todo habitado poucos são os lugares que não possuem moradias, percebe-se também que a paisagem possui muito verde, plantas frutíferas e alguns animais da região como iguanas, gaviões e cobras que são facilmente avistados no trajeto. A estrada é basicamente de chão que em tempos de chuva, chega a ficar inacessível, este trajeto fica cerca de 8 km do bairro São Felix II. Recentemente foi construído um viaduto pela empresa VALE S. A, que passa por cima da estrada férrea, fruto dos grandes empreendimentos construídos na região[5], antes do mesmo os moradores e demais pessoas passavam por cima da mesma, é importante ressaltar que este é o único trecho da estrada que é asfaltado.

[3] Individuo que trabalha fazendo frete; fretador.
[4] Pequenos proprietários de chácaras.
[5] Ver (SILVA, 2014)

Foto 1: Entrada da Vila Espírito Santo, Vila Espírito Santo 2017.

Aproximadamente quinze minutos que passamos pelo viaduto nos deparamos com a entrada da vila (Foto 1), logo se avista a igreja católica que fica localizada no centro da mesma, lugar este em que acontece o festejo do Divino. Com base na (Foto 1) vou tentar explicar ao leitor como a vila esta estruturalmente organizada: ao lado esquerdo não existe ruas, apenas casas nas laterais e uma pequena chácara, logo mais a frente, depois da igreja católica esta um campo de futebol, ao lado direito existem quatro ruas e algumas se entrelaçam a essas. As casas da vila, em sua maioria são construídas de madeira tendo algumas de alvenaria, existem também moradias de taipa[6] coberta de palha e construções mistas de madeira e alvenaria. A escola da vila e o posto de saúde fica do lado direito da igreja, uma das igrejas da Assembleia de Deus fica bem na entrada da vila esta pintada na cor verde e de alvenaria, a outra Assembleia de Deus e construída de madeira, porem na cor branca e fica na terceira rua de quem adentra a vila. Assim que passamos pela igreja e fácil avistar o acesso que leva ao rio, uma estrada de chão um pouco estreita, que no início tem uma pequena ponte sobre uma área alagada tipo várzea dessa forma seguindo em linha reta o rio é avistado este é o caminho que muitas pessoas trilham para chegar na praia do Espírito Santo.

[6] Também chamada de pau-a-pique, taipa de sopapo, taipa de sebe, barro armado, é uma técnica em que as paredes são armadas com madeira ou bambu e preenchidas com barro e fibra. A matéria-prima consiste em trama de madeira ou bambu, cipó ou outro material para amarrar a trama, solo local, água e fibra vegetal, como capim ou palha. O solo local e água são amassados com os pés e, depois de homogeneizados, são misturados à fibra e a massa é usada para preencher a trama. Normalmente usada para erguer parede estrutural ou de vedação. Fonte: http://www.pinhalarquitetura.com.br. Acesso em 17 de ago de 2017.

1.1 Breve histórico sobre a festa do Divino e a sua estrutura ritual

A festa do Divino Espírito Santo segundo as perspectivas históricas tem duas origens: uma Alemã e outra Portuguesa, (DEL PRIORI, 1964). Na primeira a festa do Divino, data do período medieval e está atrelada à religião católica, pois, de acordo com a bíblia, quando passados 50 dias após a Páscoa é celebrada a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos[7]. Era realizada pela nobreza e a classe mais abastarda posteriormente foi popularizada sendo adequada pela classe pobre. De acordo com essa perspectiva, a festa teria sido criada por uma instituição concebida por Oto VI Duque de Baviera, para ajudar a classe pobre do seu império que sofrera um período de fome no século XI Divino par da salva II e de lá a festa migrou para Portugal.

Outra pesquisa (OLIVEIRA 2008; *apud* CASCUDO, 2009) indica que a festa teria surgido em Portugal no século XIII, sendo atribuída à Rainha Dona Isabel. Durante a missa de pentecostes a Rainha, convocou o clero, a nobreza e o "povo" com o objetivo de escolher uma pessoa dentre os pobres para ser coroada, após o término da cerimônia foi servido um banquete para todos os que estavam presentes, a partir daí foram feitas cópias da coroa para que, dessa forma, o ritual continuasse sendo repetido em Portugal e suas colônias.

No Brasil, segundo fontes do Portal do Divino[8] essa festa tem um percurso colonial trazida pelos imigrantes portugueses, e readaptada "pelos negros" que na época eram escravos, e que no então reinado de Dom Pedro I, ao qual não se ver mais o ritual da coroação forma essa bastante forte em Portugal onde suas raízes esta vinculada e logo após sendo aderida pelo catolicismo barroco. De acordo com as pesquisas existem variações de se festejar a divindade do Divino Espírito Santo essas diferenças são fruto das peculiaridades regionais.

A chegada ao norte do Brasil segundo fontes históricas obtidas na Fundação Casa da Cultura de Marabá, a festa do Divino existe desde o ano 1957. O "Divino na Pedra", uma das variações do festejo é de origem da devoção tocantinense que teve inicio quando um garimpeiro chamado José Calixto de Souza, mais conhecido por Zé Mostarda, estava na ilha das Pacas, abaixo do Ipixuna, cavando algum cascalho quando teve a sua atenção despertada para uma pedra pequena, com extraordinários desenhos coloridos gravados, especialmente o desenho de uma pompa azulada e com a cabeça branca.

---

[7] Atos 2: 1-13

[8] Web site, mais completo onde você encontra todas as informações sobre a festividade do Divino, teses, documentários, pesquisas e etc.

Em Marabá, de acordo com registros obtidos na Fundação Casa da Cultura, periódicos, livros e relatos orais de fundadores e participantes da festividade a festa se originou através dos Maranhenses[9] que trouxeram consigo a tradição de celebrar o festejo. No começo do século passado, algumas peculiaridades precisam ser observadas como o Giro que são romarias que os foliões realizam juntamente com romeiros e devotos às casas de promesseiros às vezes em outros bairros para conseguir doações que os ajudam a se manter durante os dias da festividade, e que na vila Espírito Santo não aconteceu neste ano.

Uso então as palavras de Turner para explicar aos leitores como pensar essa dinâmica que envolve este ritual.

> Gostaria de acrescentar, a título de condição neste ponto, que, em matéria de religião, assim como de arte, não há povos "mais simples", há somente povos com tecnologias mais simples do que as nossas. A vida "imaginativa" e "emocional" do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa. Faz parte de minha incumbência exatamente mostrar quanto pode ser rico e complexo o simbolismo dos ritos tribais. Também não é inteiramente correto falar da "estrutura de uma mentalidade diferente da nossa". Não se trata de estruturas cognoscitivas diferentes, mas de uma idêntica estrutura cognoscitiva, articulando experiências culturais muito diversas. (2013, p.20).

A partir de informações obtidas pelos moradores da vila, vou buscar explicar aos leitores como basicamente consiste toda estrutura do ritual durante os dias de comemorações da festividade, há uma série de ritos a serem seguidos e que envolvem simbolismo pertencente à festa, como podemos perceber sua historicidade advém dos impérios. O que não se perdeu ao longo dos anos esse vínculo com a corte de um modo geral é facilmente representado pelas figuras do imperador ou imperadora que recebe o posto de manter a tradição, muitas vezes esta é transmitida entre membros de uma mesma família, esta pessoa é a responsável também por arcar com parte das despesas da festividade, a imperatriz é a representante principal do império, o capitão do mastro considerado um guardião, o juiz ou juíza que representa a voz do imperador e da imperatriz. Par da salva que são os anjos geralmente são dois Gabriel (Anunciador) e Miguel (o pensador das almas), mas pode sim haver mais anjos conhecidos por serem os protetores do Divino, anjos com asas pequenas que enfeitam a festividade, também se tem, e as nove rosas da coroa do Divino Espírito Santo (brancas, amarela e vermelha) essas são representadas por crianças, jovens ou adultas. Em muitas das festividades não se consegue ver todos os personagens.

> A festa do Divino espírito santo em Marabá se estrutura da seguinte forma:
> 1. “Imperador” ou “Imperadora”: e o folião ou a foliou mais “importante”, normalmente e o “dono” ou a “dona” do Divino, tem algum voto com o santo ou recebeu o encargo como herança de família;

[9] Ver FERRETTI (1999)

2. Alferes-da-Bandeira: e o porta bandeira, conduz o estandarte do Divino;
c) Salveiro: é o que conduz a coroa, sendo o guardião e o zelador direto do Divino;
3. Caixeiro: e uma espécie de "corneteiro" que anuncia ao toque da caixa, a saída e marca os cânticos do Divino;
4. Violeiro ou 1º e 2º folião: normalmente e são a mesma pessoa. Explico: o violeiro assim como o pandeirista são os tocadores ou acompanhantes e na hierarquia são colocados como 1º e 2º folião e
5. Pandeirista ou 1º e 2º folião: cantadores e acompanhantes;
6. Bagageiro: e o responsável por guardar as "joias" do Divino, ou seja, as ofertas (em dinheiro e alimentos) que são dados ao Divino durante as "esmolações" ou "giros". (SILVA, 2004, p.35-36)

Outras particularidades que estão presentes na festa do, no que diz respeito ao seu ritual é que em alguns lugares tem a duração de uma semana, já em outros, de acordo com a região pode ter a duração de três ou mais dias, na vila Espírito Santo ela agrega um total de sete dias. Há pontos chamados altos da festividade como a mesa do imperador e o terço final (isso na última noite) no caso no domingo, outro ponto importante acontece na segunda feira onde acontecem os cânticos de despedida do Divino onde os foliões que assim são chamados se despedem do Divino e prometem voltar.

As indumentárias são brancas compostas também por uma pequena toalha branca no pescoço e uma divisa no peito acrescido de um broche, um chapéu de palha também é utilizado pelos foliões este é enfeitado com fitas de cores variadas, vermelha, laranja, azul, rosa. A bandeira é composta por um tecido vermelho de linho, às vezes de outros tecidos como seda, tendo no centro uma pombinha desenhada, simbolizando o Divino materializado enfeitada com fitas de várias cores, já a coroa do Divino é uma coroa trabalhada em prata de lei.

Na festividade, de forma geral, são 12 os foliões responsáveis por tocar e puxar os cânticos, porém isso também é passivo de variação regional. De maneira geral é organizado da seguinte forma: o primeiro e o segundo cantador e o primeiro e segundo violeiro são as mesmas pessoas, isso porque tocam e cantam simultaneamente com pandeiristas e cacheiros que são instrumentistas acompanhantes dos cânticos do Divino, o bagageiro é o responsável tanto pelos utensílios do Divino (seus mantos e toalhas), como pelas bagagens dos foliões nos chamados giros do Divino nome dado às romarias que os foliões realizam juntamente com romeiros e devotos às casas de promesseiros, as romarias ou giros, não podem ultrapassar os meses, de maio, junho e julho em respeito à pentecoste.

Os giros do Divino começam e terminam sempre com um número de foliões determinado, todos são do sexo masculino, os giros do Divino dentro dos dias da semana, se fazem de segunda a sábado começando as 8:00hrs da manhã até as 11:00hrs não podendo ultrapassar o meio dia. Já pela parte da tarde a festividade deve começar as 14:00hrs horas da

tarde até as 17:00hrs não ultrapassando as 18:00hrs , este é o último pouso do dia chamado pouso do terço ou da reza. O terço ou a reza do Divino é a reunião de seus foliões, romeiros e promesseiros, para louvar e oferecer orações ao Divino, os terços são realizados nas casas de romeiros depois da ceia, ou seja, ás 20:00hrs da noite. Os festejos do Divino começam com a sua chegada à sexta-feira (ou no sábado) e acontece com uma dança acompanhada de uma musica que é chamada de "A Chegada do Divino", os foliões vem cantando e valseando até adentrar na casa do Divino.

No sábado acontece o levantamento do mastro, este é retirado da mata por homens, geralmente o pai do capitão do mastro, pois se precisa de uma madeira alta com oito metros ou mais. O ritual consiste no hasteamento do estandarte do Divino este confeccionado pela família da alferes da bandeira, o rito do hasteamento termina com os foliões cantando e dançando fazendo círculos em torno do mastro do Divino.

Os foliões do Divino são: o porta bandeira, o mestre-salva, o salveiro, o primeiro caixeiro, o primeiro e segundo violeiros, o primeiro e o segundo cantadores, o bagageiro, o pandeirista. O alferes conduz o estandarte do Divino, o mestre-salva, é considerado como tesouro do Divino por todos, pois é ele que tem em sua guarda as ofertas e joias do Divino, já o salveiro é o que conduz a coroa o guardião e zelador direto do Divino, o caixeiro é o corneteiro são responsáveis por anunciar a chegada do Divino rufando a caixa.

1.2- Laços de pertencimento

Ao ter conhecimento de que Miriam é filha da senhora Maria da Conceição retornei as pesquisas de campo realizadas em 2013, consultando os questionários aplicados, verificando os dados obtidos e as transcrições das entrevistas que foram gravadas e os artigos produzidos para as duas disciplinas. Em cima dos questionários aplicados aos moradores da vila por mim e minha companheira de pesquisa Sheila Kaline, que naquela ocasião foram aplicados 28 questionários e realizadas 3 entrevistas orais, pude perceber que entre a maioria dos moradores da vila que foram morar na mesma foi por ligações familiares, ou constituíram família a partir da vila com outras pessoas que também tinham famílias na mesma criando uma rede familiar de relações de parentesco, em sua maioria homens, que chegaram para exploração dos garimpos juntamente com o ciclo dos castanhais, um dos períodos mais intensos de migração para região (LOBATO, 2012) , tiveram filhos e possuem uma relação de pertencimento com a vila, alguns não podendo exercer mais a função com o fim do ciclos

se tornaram pequenos agricultores. Esta atividade com tempo se tornou uma das marcas da vila, outros enveredaram para pesca desenvolvendo uma relação peculiar com o rio.

Durante a aplicação do questionário podemos perceber que dos 30 moradores entrevistados 64,1 % dos moradores não se vê morando em outro lugar, e 21,5% depende do rio para manter sua subsistência, em cada rio, bacia da região, os modos de vida são diferentes, dessa forma a dinâmica de vida dos moradores que é entrelaçada por laços familiares e que a festividade do Divino reforçando aqui uma forma significativa do lado imaterial da vila pela construção da barragem (SILVA; PINTO, 2016).

De acordo com dados coletados 42,9 % dos moradores dizem que se encontram cotidianamente para atividades na vila, uma dessas atividades é o festejo do Divino, todo esse aspecto social está comprometido, a perda da terra, casas, igrejas clubes, escolas comercio tudo que construíram durante toda sua vida, já que muitos também nasceram na mesma, além de tudo leva a destruição de laços e redes sociais, pois se perderiam vizinhos, amigos de infância, primos, padrinhos de crianças, de casamento e a festividade iria ser destruída, pois sua realização seria completamente comprometida já que a igreja, as casas e até o ritual de retirada do mastro é feita nas áreas verdes da vila e seu entorno (PINTO; SILVA, 2016).

Seu José um dos moradores da comunidade que veio para a vila no tempo dos castanhais, “diz que lá é lugar tranquilo” e que vai na “cidade” apenas para comprar alimentos, pois lá na vila tudo é o triplo do preço que é vendido na cidade”, não se vê morando na cidade e com suas próprias palavras ressalta “sinto uma tristeza enorme por sair do meu lugar”. Seu Aluísio outro morador da comunidade que veio para a vila no tempo dos castanhais, comenta que “criou todos os seus filhos da roça e que pretendia criar os netos, mas que ao ver dele parece que não terá essa oportunidade”.

Ressalto aqui que na maioria das construções dos grandes empreendimentos esses aspectos quase nunca são levados em consideração, causando sofrimento, dor e apreensão antes mesmo da construção dos projetos, pois os moradores começam a sofrer muito antes da sua implantação.

Durante meu trabalho de campo no retorno á vila em 2017, já com um novo questionário mais focado para a festividade com algumas perguntas abertas, a decisão por um questionário dessa vez foi por almejar futuras pesquisas e consequentemente de utilizá-lo neste trabalho, tendo a clareza que esta discussão não se encerra aqui, devido sua

complexidade, as perguntas abertas foram só um meio de me guiar, muitas das vezes as perguntas surgiam no decorrer da entrevista, a medida que o entrevistado ao se sentir á vontade ia relatando as histórias sobre a festividade , em uma das entrevistas realizadas com Miriam, solicitei a ela que relatasse sobre o que a levou até a festividade do Divino, se o fato de sua mãe ter tido um papel tão importante na mesma era fator determinante, embora em conversas informais a mesma já tivesse sinalizado, porém precisava saber se de fato a percepção que tive se fazia real , então a mesma me relata o seguinte no trecho de uma das entrevistas:

> Então e assim começou com a minha vó né, a minha vó festejava começou muito tempo depois quando a minha vó faleceu ai minha mãe já começou, tem minha mãe e tem o meu tio né, que festeja meu tio lá no Apinagés, minha mãe muito tempo ficou também festejando e a gente já ajudando sempre na coordenação porque ela também era coordenadora da comunidade da igrejinha aqui, e ai quando ela faleceu a gente já sempre trabalhando junto com ela eu, mas a minha irmã e minha outra prima a gente já assumiu essa missão também depois que ela faleceu, então não e igual né igual a ela assim porque eu via muito assim mesmo, um amor muito grande mesmo se doava mesmo inteiramente com toda aquela dedicação né toda, mas a gente né vai tentando dar continuidade porque a gente vê que vem de família uma tradição a gente tem que cultivar essa cultura porque se agente parar né, sabemos que não e fácil né como tu acompanhou. (MIRIAM ANDRADE, entrevista concedida no dia 05/06/2017).

Miriam desempenha um papel fundamental na vila, ela tem como princípio manter viva a festividade do Divino uma forma de manter a tradição familiar para que não se perca em meio ao tempo. Ela relata que tenta preservar de todas as maneiras possíveis todos os rituais que se tem diante dessa festividade, isso é facilmente verificado no respeito ao calendário pentecostal. Junto com a vila do Espírito Santo, outra vila também é rigorosa no respeito ao calendário, a vila Apinagés,[10] onde uma questão nos chama atenção o tio materno de Mirian toca a festividade, esta tem um período chamado de festa mudada, que neste ano de 2017 aconteceu nos dias 27 de maio a 04 de Junho, embora o enfoque central deste trabalho não seja a relação de parentesco é impossível não perceber a ligação da festividade com os laços de parentesco.

Ao fazer uma reflexão sobre a cultura brasileira considerando a mesma como tradicional, enfoco aqui que seu desenvolvimento não é estático, pelo contrário há muita dinâmica envolvida. Em meio as minhas pesquisas bibliográficas, em documentos de pesquisas realizadas sobre a festividade do Divino e também sobre religiosidade é perceptível

[10] O distrito de Apinagés está vinculado ao município São João do Araguaia , São João do Araguaia fica localizada a 58 km de Marabá. Tambem faz parte de localidades que serão inundadas pela Hidrelétrica de Marabá.
Ver documentário: Apinagés: Um paraíso ameaçado pela hidrelétrica de Marabá.

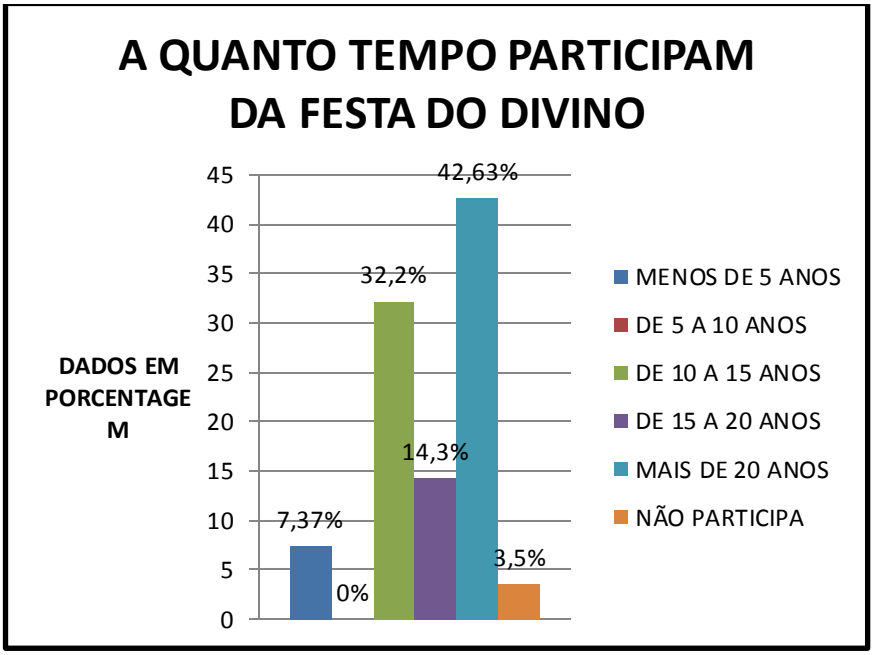
que a festividade que tem suas raízes europeias e que no decorrer dos séculos sofre várias influências, e que, no entanto ela passa a ser transmitida por um processo que deriva dos mais velhos para os mais novos e sendo vivenciada mediante os diversos grupos que a mantem, o que pode ser pensado como uma memória coletiva.

> [...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. Quando encontramos um amigo do qual a vida nos separou temos alguma dificuldade, primeiramente, em retomar contato com ele. Mas logo, quando evocamos juntos diversas circunstâncias, de que cada um de nós se lembra e que não são mais as mesmas, ainda que elas se relacionem aos mesmos eventos; não conseguimos nos pôr a pensar e a lembrar em comum, e os fatos passados não têm mais o mesmo relevo, não acreditamos revivê-los com mais intensidade, porque não estamos mais sós para representá-los, como os vemos agora. (HALBWACHS, 1968, p. 25-26).

Nas entrevistas tanto nas coletadas em nossa primeira ida a campo, como neste retorno, é muito intensa essa questão de parentesco, podemos perceber que os moradores sempre se lembram de alguém para se situar em seus relatos sobre o Divino geralmente algum familiar. Apesar dessa diversidade que se tem na vila, enfoco aqui a participação de moradores que apesar de não serem católicos participam da festividade por vários motivos, seja pelo apreço da beleza que a festa traz consigo, seja pela participação ativa de boa parte dos moradores da vila, seja por respeito ou apenas como uma forma de tirar um dinheiro a mais com os dias da festividade, pois ela atrai muitas pessoas para a vila.

Podemos analisar também que grande parte dos moradores da vila participa há mais de 20 anos da festividade, e são esses que em sua grande maioria tentam repassar os ensinamentos para que os mais novos não percam a tradição no decorrer do tempo, pois muitos dos jovens têm a intenção de crescer profissionalmente e não se veêm morando por muito tempo na vila, tentar repassar para este jovem que esta cultura deve ser mantida é um trabalho árduo que os mais velhos têm perante os mesmo.

GRÁFICO 1: Participação dos moradores na festividade.



Fonte: Questionário aplicado pelas discentes Sheila Kaline e Priscila Dias.

No gráfico acima podemos ver que a maioria dos moradores participa da festividade há mais de 20 anos. Percebemos então o quanto essa manifestação cultural se torna uma maneira não apenas de manter a tradição, como também uma forma de união entre as pessoas e de revê-las, pois é um dos momentos em que os moradores da vila, estão bem mais próximos e empenhados em fazer dar certo o festejo.

No próximo capitulo irei detalhar aos leitores a festividade etnograficamente e como ela está arraigada de rituais dos quais, a mesma carrega em sua essência. Nesta perspectiva buscarei o máximo possível detalhar todos os elementos que giram em torno do "Festejo do Divino".

2- UMA IMERSÃO ETNOGRÁFICA

Após duas idas á Vila Espírito Santo a partir de duas disciplinas do curso, como observo na introdução deste trabalho, volto à mesma com objetivos genuinamente antropológicos voltados para o meu trabalho de conclusão de curso. O meu retorno ao campo aconteceu no dia 13/05/17 sábado, numa manhã de muito sol, acompanhada de uma amiga do curso, Sheila Kaline. Planejamos tanto esse dia, pois estávamos na expectativa de retornar ao campo já com o meu tema de fato, ou seja, "A festividade do Divino Espírito Santo", no entanto, não nos atentamos, que era véspera do Dia das Mães. Marcamos de nos encontrar na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Para (UNIFESPA) ás 8:00 h da manhã. Dessa forma, seguimos no ônibus da linha São Felix e partimos em destino ao bairro São Felix II, onde a vila fica localizada, descemos na parada de ônibus que fica no inicio de um muro branco, pertencente à empresa Contrufox, ponto de referencia que dá acesso à entrada da vila. Depois que descemos do ônibus partimos em outra condução, agora um carro que faz frete ate a vila e que cobra 15 reais por pessoa, geralmente são eles que levam as compras feitas em supermercados ou objetos maiores dos moradores para a vila, na entrada do acesso á vila também ficam motos que cobram o mesmo valor.

Ao chegar á vila por volta de quase 10:30hrs da manhã, devido termos ido de ônibus e o translado do mesmo demorar, fomos então á procura de uma das minhas interlocutoras, Mirian, a mesma nos recebe desde 2013, porém, seu marido nos informou que ela encontrava-se envolvida numa "festinha da escola" para homenagear o Dia das Mães, a mesma estava sendo realizada pelas mulheres maçônicas[11] do bairro Novo Horizonte que fica em um dos núcleos da cidade de Marabá. A festa havia começado bem cedo ás 8:00hrs, essa atividade de alguma forma interferiu em minha estratégia de fazer as entrevistas, sendo assim fui surpreendida com o que Malinowski denomina de "os imponderáveis da vida real".

> existem vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos através de questionários ou da análise de documentos, mas que têm de ser observados em pleno funcionamento. Chamemos -lhes os imponderabilia da vida real. Neles se incluem coisas como a rotina de um dia de trabalho, os pormenores relacionados com a higiene corporal, a maneira de comer e de cozinhar; a ambiência das conversas e da vida social em volta das fogueiras da aldeia, a existência de fortes

[11] A Maçonaria é uma associação Universal de *homens livres e de bons costumes* cultivando entre si os princípios da Liberdade, Igualdade e fraternidade. Devido a grande exposição de sua história e até mesmo de alguns ritos pela mídia de massa, muitos maçons declararam que no século XXI a Maçonaria se torne menos uma sociedade secreta e mais uma "sociedade com segredos" do site da Grande Loja da Inglaterra taxada muitas vezes de ordem iniciática, filosófica, filantrópica e educativa. Os seus ritos são praticados em um local apropriado, tendo seus ensinamentos transmitidos apenas para membros devidamente iniciados. http://ocultura.org.br/index.php/Ma%C3%A7onaria. Acesso em 23 de ago de 2017.

> amizades ou hostilidades e os fluxos dessas simpatias e desagrados entre as pessoas, o modo subtil, mas inequívoco como as vaidades e ambições pessoais têm reflexos sobre o comportamento do indivíduo e as reações emocionais de todos os que o rodeiam. Todos estes factos podem e devem ser cientificamente formulados e registados, mas é necessário que isso seja feito não através do registo superficial de pormenores, como acontece normalmente com observadores não treinados, mas com um esforço de penetração na atitude mental que eles expressam. (MALINOWSKI, 1978, p.31)

Esperamos a manhã toda, ainda na tentativa de eu conseguir fazer alguma entrevista, no entanto, como a Mirian passou o dia envolvida na comemoração do Dia das Mães na escola, a mesma não pôde me dar muita atenção e não dando assim para sair da escola e caminhar com a gente pela vila. Mirian foi que fez a mediação pra minha imersão entre as pessoas da vila, como ela já foi presidente da associação, e além de tudo ela é Agente Comunitária de Saúde (ACS), conhece todos os moradores e moradoras da vila, e isso me permitiu transitar melhor durante o trabalho de campo. Porém, me adaptando a um "imponderável da vida real", almoçamos junto com as mães da vila, uma deliciosa feijoada, o alimento principal que fazia parte da ritualização do almoço. Eu e Sheila decidimos que faríamos um "*tour*" pela a vila depois do almoço para visitar pessoas as quais já tínhamos alguma familiaridade, devido a nossa entrada em campo em 2013, tiramos algumas fotos da vila, fomos até a beira do rio e de lá, retornamos para nossas casas.

Foto 2: Por entre as ruas da vila, vila Espírito Santo, 2017.

Foto 3: Eu e Sheila na beira do rio Tocantins, vila Espírito Santo, 2017.

O meu objetivo neste dia seria fazer as entrevistas com alguns moradores da vila, como também com os principais protagonistas da festividade, já que a mesma se iniciaria no dia 27/05/2017, ou seja, duas semanas depois. A intenção era ainda, ganhar mais familiaridade com as pessoas que conduzem a festividade, eu tinha em mente uma preocupação: mostrar para elas que eu não queria apenas usufruir de "informações" ou "dados" para aminha pesquisa, mas também contribuir através da etnografia, para o registro de um elemento extremamente importante para a sua cultura, pois esta festa religiosa perpassa pela própria identidade dos moradores do local, daí o surgimento da vila a partir do "festejo do Divino" e não por acaso possui o nome "Vila do Espírito Santo".

Expor esta questão poderia me permitir uma maior inserção entre o grupo, ou talvez não, porem me arrisquei como num jogo de xadrez onde não se prevê a próxima jogada, pois mesmo sendo conhecida pelos moradores da vila, não significaria que eu teria toda a liberdade de transitar pelos espaços sem que eu precisasse da ajuda da Mirian para essa inserção. O fato é que a minha ideia de fazer as entrevistas neste dia 13/05/2017 não ocorreu, os moradores estavam todos voltados para a "festinha do Dia das Mães", a qual demandou atenção o dia todo daqueles moradores, como a vila é pequena, todos estavam na escola participando, e neste dia nem os foliões se encontravam na vila.

Combinei então com alguns moradores e com a Miriam de retornar no outro sábado (20/05/17) para fazer essas entrevistas. Porém, ocorreram vários contratempos que nos impossibilitou de ir à vila. Voltamos no dia 27/05/17, em um domingo, dia que começaria a

festividade. Neste dia, também fui acompanhada por Sheila e em seu carro, o que me fez ganhar um bom tempo para que eu pudesse fazer pelo menos metade do planejado, pois eu já estava tentando me prevenir daqueles "imponderáveis da vida real".

Quando eu e Sheila chegamos, encontramos os moradores envolvidos em toda a ornamentação da vila e a construção das barracas para a venda de comidas. Muitos moradores me relataram que toda a programação da festa se inicia no ano anterior. A festividade dura apenas uma semana e engloba um arcabouço de coisas antes durante e depois. Fomos para a casa da Miriam e lá ela nos ofereceu um cafezinho, tomamos e logo em seguida fomos atrás de algumas pessoas que participariam ativamente da festividade, falei com o seu Zezinho e com as filhas do caixeiro seu Amaral, elas seriam as rosas neste ano da festividade. Neste dia, andamos muito pela vila em todos os cantos possíveis, eu aguardava também a chegada de outro caxeiro[12] "Seu Amaral" que tinha saído da vila com sua esposa, no entanto fomos embora e ele ainda não havia voltado. Foi possível neste dia fazer algumas entrevistas ainda pela manhã, destas entrevistas uma me chamou muita atenção, a do Seu Zezim.

2.1 O folião seu "Zezim": a preocupação com a tradição

Segundo seu "Zezim", como é chamado na vila, ele cresceu entrelaçado com o festejo do Divino Espírito Santo, folião desde a infância fala com grande estima sobre sua historia dentro da festividade, preocupado com a "tradição" do festejo procura de todas as maneiras. Manter o respeito pelo Divino e fortalecer sua fé no mesmo, um rosto envelhecido e um brilho no olhar quando perguntei sobre a sua experiência todos esses anos nos festejos. Logo que entrei em sua casa, vi a bandeira do Divino, e alguns outros adereços usados na festividade como o seu pandeiro.

[12] Ver página 25 deste trabalho.

Foto 4: Seu Zezim, vila Espírito Santo, 2017.

Para as pessoas que chegam na sua casa a bandeira do Divino fica posicionada visivelmente como cartão postal, pois logo que a gente adentra a casa do seu Zezim, ele me conta uma história muita engraçada, devido a mesma estar estiada na entrada da porta:

> [...] isto dias chegou umas pessoas aqui uns crente o pastor mais quatro cara aí eu disse senta, umbora sentar eu sentei ate aqui no banco ai ele disse como e que ta Chavito tá bom? , ta bom mermo , eu digo tenho fé em Deus que fica bom ai um cara olhou pra li disse ei cara tu brinca de boi? eu digo porque cê procura isso?, aquela bandeira vermelha, não rapaz não careceu nem eu falar pro cara o pastor tomou de conta tirou fora daqui de dentro da casa eu to lhe contando o cara nunca mais pisou aqui eu disse repara como é as coisas, qual a diferença uma pombinha bem ali do Espírito Santo né? o cara vem com uma proposta dessa penca de boi essa coisa ele chamou ele ate de animal ohh ai o cara pegou o livrin e foi embora, não cara, ninguém brinca de boi não ali é a bandeira do Divino Espírito Danto e ele eita me desculpa aí, aí o pastor disse presta atenção rapaz ali é o espírito santo ali não é ele mesmo puro o pastor disse pra ele bem dai ali e a representação porque ele mesmo o Divino Espírito Santo, o Divino Espírito Santo mermo e pouca pessoa que vê. (SEU ZEZIN, entrevista concedida no dia 27/05/2017).

Neste relato de seu Zezin na entrevista, que foi gravada por mim, podemos perceber a divergência das religiões uma com a outra, apesar de se respeitarem dentro da vila, entretanto é perceptível na fala de alguns moradores essas divergências, como na seguinte entrevista, onde a família de uma das rosas brancas relata que por serem metade católicos e metade evangélicos da Assembleia de Deus , e apesar de crescerem enraizados na festividade, a mãe da rosa fala o seguinte quando pergunto se a apresentação da sua filha para o Divino como rosa, derivaria de alguma promessa, ela então me relata:

> Ela que quis mesmo, porque ela quis aí convidaram eu arrumar pra ser né. As outras não as outras porque são crente elas não quer nem saber tavam brigando com ela aqui porque ela saiu da igreja, tu saiu da igreja pra ir pra essa outra igreja num sei o que só porque e da outra igreja eu digo mas Deus e só um minha fia para com isso,

> num sabe quando passar os anjo ela que voltar de novo elas participa da igreja. (MÃE DA ROSA BRANCA[13], entrevista concedida dia 27/05/2017).

Seu Zezim é um folião chamado de pandeirista[14] dentro da festividade. Ele me conta que sempre tocou pandeiro e nenhum outro instrumento a não ser este, seu pandeiro fica pendurado ao lado esquerdo da entrada de sua casa ao lado de seu chapéu e de alguns acessórios usados pelos foliões do Divino. Ele fala com bastante propriedade de fatos e historias que ocorreram durante sua trajetória como folião, sendo tradição de família. Dessa forma ele nos relata o seguinte:

> Já faz um bocado de ano que eu festejo aí, mas eles tem minha irmã bem aqui a Conceição tem meu irmão lá no do Apinagés que festeja o Divino né? ai tô com eles aí também sou folião aí nos dias da divindade to com eles mas aí tem um problema que eu queria que eles combinasse porque aí um quer que eu vá fazer os festejo deles o outro quer também[...].(SEU ZEZIN, entrevista concedida no dia 27/05/2017).

E continua:

> Deixa eu ver qual foi o pimeiro ahh foi meu irmão mesmo foi aí tinha um moço que tinha trindade dos inocentes uma coroa e deu pra ele guardar porque os filho quiseram vender e entregou ai disse Chavito se tu quiser festejar aí ele combinou com nós ele pequeno assim ele disse cumpade tu quer ir mais a gente? eu digo não rapaz eu não sei nem cantar ele disse não nos vamos ai quem sabe que num dá certo aí ajuntemo um bocado aí até combinou aí hoje eu vou pra qualquer um festejo do Divino[...].(SEU ZEZIN, entrevista concedida no dia 27/05/2017).

Ele me conta também de um milagre recebido pelo Divino logo no começo de sua adolescência.

> Eu já tinha andado nas divindades já assim um três anos aí eu adoeci, ce acredita que eu não caminhava de jeito nenhum, não, aí mãe da gente tem muito cuidado com gente ne quando deu assim negocio de umas oito pra nove horas aí eu escutei assim uma caixinha do Divino bater eu disse mãe ei mãe encosta aqui aí ela vei aí eu sentado numa rede eu me animei tinha assim parece que um banquinho eu digo ce ta assuntando, ce ta assuntando, a caixa do Divino ta batendo aí, aí ela disse assim: rum, a caixa do Divino eu digo e , assunte ai mãe, rum rum, pois vinha mesmo , aí todo mundo foi encostando lá no posto soltaram foguete ai todo mundo eu digo ei mãe eu com vontade de ir mas não posso ir , mas a senhora vai ai eu fiquei senhora vai ela: não meu filho eu fico aqui mas tu , aí eu disse mamãe não mas a senhora pode ir , aí eu fiquei senhora mais tu, ai quando saiu todo mundo eu fiquei assim , mar rapa, aí eu fazia toda forca pra levantar da rede aí eu digo e mas se o Divino Espírito santo me der uma saúde pra mim ir la na reza eita mais ia nem que seje caminhando assim com um bastãozinho, ai quando eu olho aqui encostado da minha rede olha uma coroa bem pertin, aí eu fiquei assim aí eu me liguei rapaz mas muito estranho, eu contei pra mamãe, eu fiquei assim olhando, ai eu disse assim: aí ate me rindo ohh, eu digo o meu Divino Espírito Santo eu quero ir la na reza assistir aquela reza seguro com a vela bem assim na minha mão pertin do altar ,aí eu olhei pra lá, tava só na rede com a mão desse jeito sem nadinha ohh, eu digo e ta bom, ai com pouco a mamãe chegou eu digo ei mãe ce não sabe nem quem veio aqui, ai ela disse : quem foi meu fi eu digo: meu pai eterno que tava bem aqui eu vi coroinha dele aqui assim ohh pediu pra eu ir lá na reza aí eu fui melhorando , melhorando na hora que deu de noite eu digo mãe eu vou la na reza aí eu quis assim levantar assim

[13] Nome fictício.

[14] Ver página 25 deste trabalho.

> meio ruim, vai me de um , corta ali aquele pauzinho la pra fazer o bastão aqui , pois eu não fui assim mesmo cachingando ai daquele dia em diante graças a meu bom Deus eu fiquei foi bonzin olha, num foi ele que deu aquela força pra gente. Aí a mamãe disse meu filho a gente quando ver assim agente nem conta assim pros outros se não fica difícil a gente ver. (SEU ZEZIN, entrevista concedida no dia 27/05/2017).

Ele é tão humilde ao ponto de dizer que a mãe dele sempre dizia "a mamãe sempre dizia quem cura é a fé se você tiver fé no Divino Espírito Santo você pode fazer seu pedido que e abençoado agora se não tiver fé nada feito". A fé deste homem no Divino foi construída tanto no seio familiar, quanto na vivência dele entre as histórias vividas por ele em suas andanças.

Percebo pelas conversas com as mães de uma rosa branca e uma amarela, em suas falas que o que eles buscam incessantemente é manter a tradição do festejo do Divino, pois as mesmas não derivam de nenhuma promessa, essas duas mulheres as quais entrevistei neste dia, 27/05/17 são irmãs e filhas de um dos caxeiros da vila, o pai das mesmas é um folião chamado andarilho, pois o mesmo vai aonde o festejo acontece, por ela acontecer em várias localidades e durarem entre os meses de maio a agosto, eles geralmente são convidados e quando podem vão, como podemos acompanhar nesta fala de sua filha:

> Faz tempo que o papai é folião eles roda esses lugar tudo e Apinages e Marabá e Cidade Nova, mas a mamãe faz muitos anos. Eu até convidei as meninas do São Felix pra vim pra cá. Sempre o papai fala quando eu faltar minha fia vocês vao meno pra reza pros festejo sem compromisso mesmo pra não esquecerem de mim, sempre ele fala que já ta velho mas tem muitas vezes que ta velho que ta novo morre primeiro que os velho ele fala pra nos que bom já livrou ele de tanta coisa ruim ele acredita de mais ele não fica sem ir não ele pode é não ter dinheiro ele pede emprestado ele arruma uma coisa daqui arruma outra dacolá e vai mesmo eles passa e dia fora daqui andando nas divindade. (MÃE DA ROSA BRANCA, entrevista concedida no dia 27/05/2017).

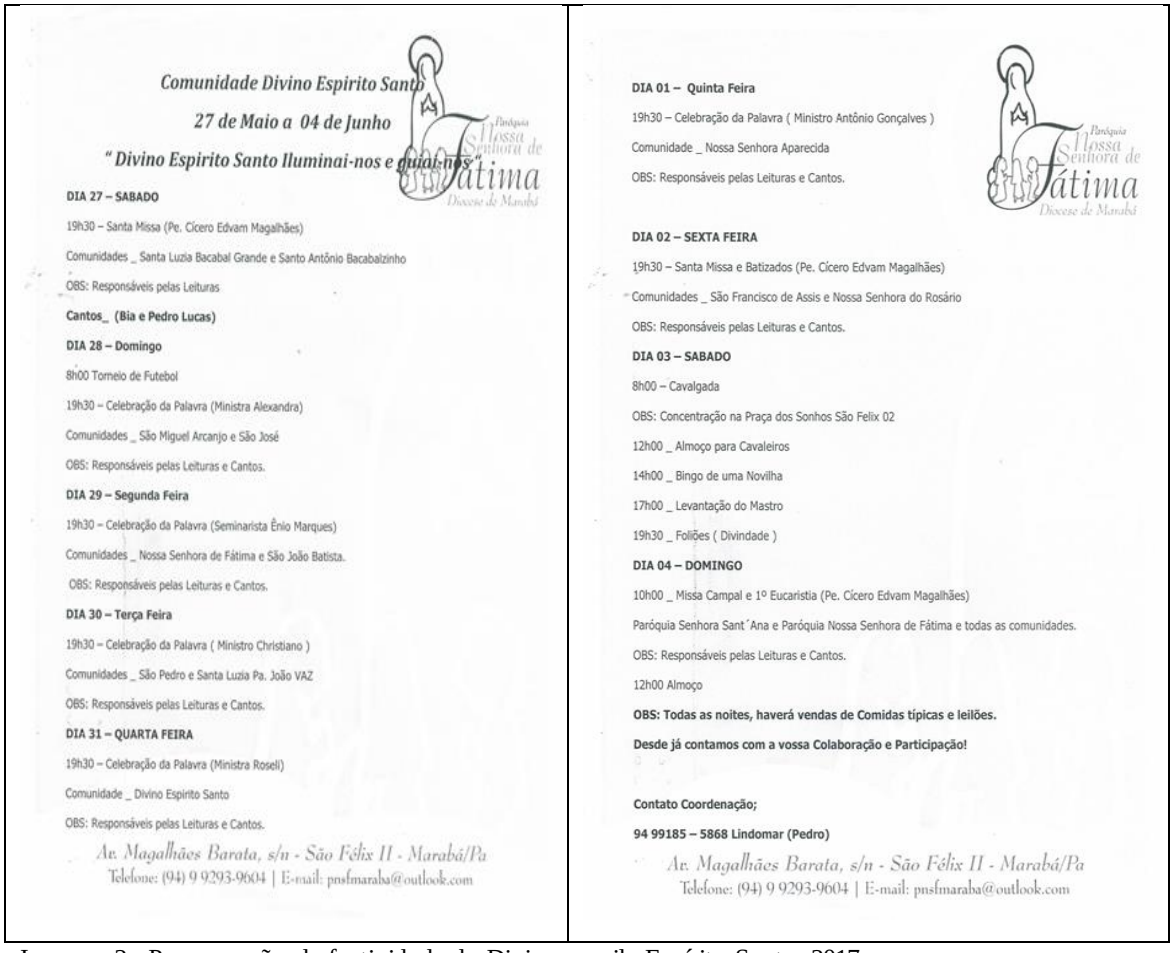
Seu Zezim nesses 70 anos de vida ainda é um folião andarilho:

> Eu tenho andado aí, na divindade aí um bocado de tempo eu fico animado, fico alegre mermo, eu e assim mermo só por vontade mermo assim que , mas tem gente que diz não não vou nem pra acola não, mas eu na hora que chega perto dos festejo, eu esse pandeiro, o povo diz ei tu fica só cantando ai o quadro do Divino ai cara, aí no terreiro eu boto o banco aí e fico cantando ai na hora da mesa aqui os canti da mesa quando termina o bendito né, aí a gente canta tudin aí, quando os cara passa aí seis horas, aí um dia eu tava cantando bem aí aí passou parece que umas três muier , aí o cara rapaz mas zezim fica so cantando aí essas moda do Divino, aí a muier disse assim assim , ele ta certo cara ce não sabe nem o que ele ta fazendo ai ele ta fazendo as obrigações dele ai as muier, também eu assuntei não disse nem nadinha pra ela vinha pra li pro rumo da trindade dessas chácaras ali, nam ele ta certo os padre faz as orações lá na igreja, e ele ta fazendo aí na porta dele ele cantando aí ta e pedindo a deus pra abençoar ele rapaz, a muier saiu falando ai o cara quietou pois e desse jeito mermo. (SEU ZEZIN, entrevista concedida no dia 27/05/2017).

Como Marcel Mauss (2003) nos fala em seu ensaio sobre a dadiva consegue-se perceber que nestas relações ficando perceptível que este sistema de trocas entre eles geram uma retribuição, estando inserida no espírito da coisa.

2.2 O festejo na vila

Apesar do dia 27/05/17 sábado ser a primeira missa que decorre toda festividade estava me sentido muito mal, devido ao meu problema renal, quem passa por esse problema sabe como e difícil, é como a dor incomoda, transitamos muito por toda a vila, às vezes tivemos que fazer entrevistas em pé, as dores geralmente incomodam quando o corpo esfria e neste dia se juntaram duas coisas: a dor nos rins e o fato de estar no meu ciclo mestrual, essas duas coisas deixaram-me muito enjoada, e também me encontrava sentido fortes dores nas pernas e não conseguia nem sentir a mesma, então optei por não ficar, pois fiquei amedrontada de passar mal e não ter como vir para a "cidade" como os moradores costumam falar, por conseguinte não fiquei para a primeira missa e voltei para minha casa.



Comunidade Divino Espirito Santo

27 de Maio a 04 de Junho

" Divino Espirito Santo Iluminai-nos e guiai-nos "

Paróquia Nossa Senhora de Fátima Diocese de Marabá

DIA 27 – SABADO

19h30 – Santa Missa (Pe. Cícero Edvam Magalhães)

Comunidades _ Santa Luzia Bacabal Grande e Santo Antônio Bacabalzinho

OBS: Responsáveis pelas Leituras

Cantos_ (Bia e Pedro Lucas)

DIA 28 – Domingo

8h00 Torneio de Futebol

19h30 – Celebração da Palavra (Ministra Alexandra)

Comunidades _ São Miguel Arcanjo e São José

OBS: Responsáveis pelas Leituras e Cantos.

DIA 29 – Segunda Feira

19h30 – Celebração da Palavra (Seminarista Ênio Marques)

Comunidades _ Nossa Senhora de Fátima e São João Batista.

OBS: Responsáveis pelas Leituras e Cantos.

DIA 30 – Terça Feira

19h30 – Celebração da Palavra (Ministro Christiano)

Comunidades _ São Pedro e Santa Luzia Pa. João VAZ

OBS: Responsáveis pelas Leituras e Cantos.

DIA 31 – QUARTA FEIRA

19h30 – Celebração da Palavra (Ministra Roseli)

Comunidade _ Divino Espirito Santo

OBS: Responsáveis pelas Leituras e Cantos.

Av. Magalhães Barata, s/n - São Félix II - Marabá/Pa

Telefone: (94) 9 9293-9604 | E-mail: pnsfmaraba@outlook.com

Paróquia Nossa Senhora de Fátima Diocese de Marabá

DIA 01 – Quinta Feira

19h30 – Celebração da Palavra (Ministro Antônio Gonçalves)

Comunidade _ Nossa Senhora Aparecida

OBS: Responsáveis pelas Leituras e Cantos.

DIA 02 – SEXTA FEIRA

19h30 – Santa Missa e Batizados (Pe. Cícero Edvam Magalhães)

Comunidades _ São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Rosário

OBS: Responsáveis pelas Leituras e Cantos.

DIA 03 – SABADO

8h00 – Cavalgada

OBS: Concentração na Praça dos Sonhos São Felix 02

12h00 _ Almoço para Cavaleiros

14h00 _ Bingo de uma Novilha

17h00 _ Levantação do Mastro

19h30 _ Foliões (Divindade)

DIA 04 – DOMINGO

10h00 _ Missa Campal e 1º Eucaristia (Pe. Cícero Edvam Magalhães)

Paróquia Senhora Sant´Ana e Paróquia Nossa Senhora de Fátima e todas as comunidades.

OBS: Responsáveis pelas Leituras e Cantos.

12h00 Almoço

OBS: Todas as noites, haverá vendas de Comidas típicas e leilões.

Desde já contamos com a vossa Colaboração e Participação!

Contato Coordenação;

94 99185 – 5868 Lindomar (Pedro)

Av. Magalhães Barata, s/n - São Félix II - Marabá/Pa

Telefone: (94) 9 9293-9604 | E-mail: pnsfmaraba@outlook.com

Imagem 2 : Programação da festividade do Divino na vila Espírito Santo, 2017.

Apesar de a festividade estar ligada a igreja católica da vila os foliões começam seus rituais apenas no 7ª dia decorrente da semana inteira que engloba a festividade, ou seja, na sexta-feira dia 02/06/17, dentro desta semana fica envolvidas as visitas para os idosos e doentes do qual o padre faz na comunidade, como relata Miriam a seguir.

> "aí o padre veio e fez a visita aos idosos aos doentes no ano passado como terminou quase igual na paroquia o padre teve mais tempo aí teve mais missa mais visita e como são muitas comunidades só pra ele foi muito bom". (MIRIAM ANDRADE, entrevista concedida no dia 05/06/2017).

No sétimo dia da semana de Pentecoste chego à vila dia 02/06 sexta-feira, neste dia meu destino é solitário minha companheira de campo encontra-se ocupada com a calourada UNIFESSPA por ser assistente social da mesma, vejo aqui neste momento que chegou a hora de andar com as próprias pernas como diz Malinowski (1978) e DaMatta (1978) "o campo e solitário", apesar da imensurável ajuda que a mesma me ofereceu desde nossa inserção ao campo em 2013.

Fiz um trajeto diferenciado desta vez peguei um ônibus, Km 06 direto e desci em alguma folha[15] do Bairro da Nova Marabá, perto da ponte do São Felix, o ônibus Km 06 direto não passa lá no São Felix ele faz uma volta perto da ponte que dá acesso ao bairro por isso pensei "eu paro lá perto e de lá pego uma moto" não sei em que folha da cidade eu parei porque apesar de morar em Marabá desde pequena algumas folhas não são familiares a minha pessoa, por ser perto da ponte que dá acesso ao bairro São Felix, no meu entender seria mais fácil pegar um moto táxi "economizar" para chegar a vila, fiquei uns dez minutos ate passar um moto táxi, a minha intenção era apenas chegar ate a entrada da vila, mas portanto o moto táxi me levou ate a vila e me cobrou 30 reais pela viagem.

Por ser uma mulher fiquei meio desconfiada, no entanto segui viagem com o celular na mão pronta para pedir socorro caso alguma coisa acontecesse, a única coisa que aconteceu foi que de repente no meio da estrada começa a chover, dai outro susto o moto táxi para em meio a chuva eu toda desconfiada porque tínhamos chegado num pedaço da estrada da qual era deserta, só que no entanto ele parou para pegar somente uma sacola para que eu colocasse por cima da minha bolsa claro que esta sacola preveniu que meus equipamentos não molhassem como a câmera e gravador o caderno ainda molhou um pouco, mas a sacola foi de grande ajuda , enfim chego na vila as 14:00hrs da tarde, sã e salva além de molhada, neste dia 02/06/17, como de praxe vou primeiro á casa da Mirian, alguns foliões já tinham chegado

[15] Em Marabá os bairros localizados no núcleo de Morada Nova são divididos por folhas respectivamente numeradas.

outros iam chegar só mais tarde , pois os foliões não eram da vila com exceção do caxeiro, neto do caxeiro mais velho da vila que resolveu seguir de viagem para Apinagés junto com seu Zezim, os moradores encontravam-se envolvidos na festividade, pois tinham que se articular para verem com qual transporte iriam e que iria buscar o restante dos foliões, comida para essas pessoas e para quem viessem com os mesmo geralmente eles vêm com suas famílias.

Organizo minha bolsa e meu material de trabalho, mas antes de tudo eu almocei na casa da Mirian, a vila estava movimentada devido à cavalgada que aconteceria no dia seguinte na vila as pessoas estavam preparando os seus cavalos, logo que terminei de almoçar passando um tempinho fomos á igreja eu, Mirian e alguns foliões.

Assim que chego à igreja com a Mirian percebo os olhares, ainda me sinto uma estranha naquele meio, observo algumas pessoas na arrumação da bandeira e da salva, começo a observar de longe chegando cada vez mais perto e com uma tremenda angústia de estar invadindo um espaço e ser retalhada viva, ao me aproximar pergunto como quem não quer nada, mas querendo tudo, pois minha curiosidade aguçava ao ver uma senhora perguntando sobre as fitas coloridas e principalmente pela fita vermelha começo a conversa com a mesma, pergunto várias coisas e ela faz o mesmo em relação a mim, ela me conta que e uma salveira do Divino e que tem como função arruma à salva, deixa-la exuberante e diz que e um trabalho que deve ser feito com bastante calma, assim que eu vejo ela colocar as fitas percebo que a fita vermelha é mais comprida que as outras, e a pergunto porque a fita vermelha é maior que as outras? E me responde com um olhar de singeleza, nesse momento vejo os olhos desta senhora brilhar, “a fita vermelha é a guia e nela que a gente deve beijar ela que guia o Divino, tanto que a maior fita da salva e a vermelha”.

Foto 5: A salva, visão por cima, vila Espírito Santo, 2017.

Foto 6: A salva, visão frontal, Vila Espírito Santo, 2017.

Foto 7: A pomba do Divino e a fita vermelha, vila Espírito Santo, 2017.

Na arrumação da salva a pomba é colocada no centro de uma vasilha de vidro forrada com um pano branco como podemos observar nas fotos numero 5 e 6, fitas coloridas e flores que os moradores, inclusive as crianças pegam nas redondezas da vila, eu ainda fui chamada para arrumar alguns detalhes da salva tipo colocar flores e deixá-la bonita já na arrumação da bandeira a pomba e colada na ponta da bandeira também como na salva a bandeira é enfeitada com várias fitas coloridas de cores vermelha, verde, azul, amarela, laranja, branca, rosa e outras cores.

Foto 8: Foliões e moradores arrumando a bandeira, vila Espírito Santo, 2017.

Os foliões são bem detalhistas na arrumação de todos os adereços que englobam a festividade e incrível ver a dedicação deles em meio aos detalhes tanto da bandeira como da salva eles procuram deixar tudo da maneira da qual aprenderam seja da convivência com a festividade seja ela pela tradição seguida em casa, às crianças são as que estão mais animadas durante todo esse processo eles querem estar constantemente fazendo algo para ajudar.

A caixa dos foliões foi feita por eles do tronco de uma árvore de macaúba forrado com couro de bode, entrelaçada por cordas, assim me disse o caixeiro da festividade deste ano que também era o único folião morador da vila, ele é neto do caixeiro mais velho da vila, seu nome é Neto, contando-me os foliões que se tem toda uma técnica para se fazer uma caixa e que nem todo folião sabe afinar uma, pois seu som deve sair da maneira correta, pois ele sinaliza para todos os momentos, e cada momento um batido de caixa diferente.

> O caxeiro é quem convida a turma toda da divindade e o caxeiro na hora duma reza ai ele chama pela caixa né , na hora do almoço ele entra e chama os foliões, bateu na caixa eles já sabem que ta chamando, ta pronto, ta pronto, ta pronto de tudo enfim pra fazer os canti ele que anda na frente primeiro folião que chama os outro. (SEU ZEZIN, entrevista concedida dia 27/05/2017)

Foto 9: O caxeiro e sua caixa, vila Espírito Santo, 2017.

Mirian me confidencia que antes eles não tinham caixa e pediam emprestado este ano foi o primeiro ano que eles tiveram a caixa do Divino deles.

> Agora a gente já tem a caixa que nós não tínhamos aí nós pedia emprestado do seu Luizão ele vinha e trazia a caixa dele, o chapéu nós compramos, as fitas foram doadas, as toalhinhas como te falei não deu tempo, mas pro ano que vem tá pronta e um caso avaliar. (ANDRADE, entrevista concedida no dia 05/06/2017).

A festividade do Divino que foi entrelaçada à igreja católica, na vila se tem algumas peculiaridades na maioria das falas eles dizem que tem um dia que não podem mais fazer essa

junção, que e o dia do levantamento do mastro, pois muitos por não conhecerem o ritual de levantamento só atrapalhavam o ritual; explicarei isso mais detalhadamente no tópico que falarei sobre o mastro. Outra questão que os moradores me colocaram em suas conversas informais, que apesar do festejo ser programado logo que termina o do ano anterior nem todo mundo cumpre o papel que lhe foi designado, com contratempos até por parte da igreja católica, um exemplo e seu Zezinho a qual o entrevistamos no dia 27/05/17 no sábado anterior da semana que decorreu a festividade ele foi para o festejo do Apinagés, que acontecem simultaneamente á vila logo depois de saber que ele foi para o Apinagés percebi na minha entrevista com ele a dúvida dele entre a vila e Apinagés.

> Aí eu digo vamos combinar assim um faz no domingo o outro faz no outro ai a gente ta tudo la ai nos faz o festejo da Mirian aqui cumpade Zé vem aqui meu irmão ai quando terminasse esse daqui no outro domigo ia a turma daqui pra lá também fazer o festejo deles num ficava bom, mas não num querem concordar. Aí a gente fica imaginando não quer deixar um e oto lá também e assim a gente fica em fuso né, não sabe nem o que pode fazer eu gosto de ajudar faz um bocado de tempo que eu ando nas divindade aqui pro goias aqui todo canto Itupiranga eles me chamam pra eu ajudar e eu vou com um pandeirinho pra quando chegar já ta no ponto ali pra não ta abusando os outro, e eles gostam que a gente encoste perto mas eles. (SEU ZEZIN, entrevista concedida no dia 27/05/2017).

Por causa da obediência ao dia de Pentecoste os dois lugares festejam simultaneamente.

> Ohhh Divino muda e festa mudada, geralmente pentecoste e 50 dias após a Páscoa entendeu ai nos aqui celebra no dia nos festeja no dia, só que tem varias outras que não festeja no dia começa, mas geralmente começa em maio e vai ate julho ate julho se ver falar em festejo do Divino né aquele da santo rosa e no primeiro domingo de julho né aí vai ate o final de julho ta encerrando, nos festeja no dia nos e do Apinages que e o do meu tio.(MIRIAM ANDRADE, entrevista concedida no dia 27/05/2017).

Um fator a se ater é que na nossa volta os moradores tão bem mais acolhedores diferentemente do ano de 2013 ao qual rolava o *boom* da Hidrelétrica de Marabá e primeiramente precisamos mostrar que não estávamos lá em prol da Hidrelétrica. Também por já ter uma entrada mais aberta por já conhecê-los.

No dia 02/06/17 sábado aconteceu o batismo de algumas crianças da vila. As 18:00hrs os meninos e meninas, que iriam se confessar tanto para o batismo quanto para a crisma que aconteceria no domingo, se colocam á frente da igreja e fizeram uma fila para organização da vez de ir até o padre, porém os meninos e meninas esperavam desde ás 16:00hrs pois era a hora que o padre tinha marcado com os mesmos no entanto só ocorreu ás 18:00hrs todos estão empolgados em se confessar alguns já fizeram esse ritual antes, outros não e começavam a perguntar tanto para os mais velhos e também para seus colegas que já haviam se confessado,

este ritual faz parte dos sacramentos da igreja católica sendo um ritual de passagem que compõe a estrutura da igreja católica.

Estávamos programados para ir ao cemitério entoar os cantos para os foliões já falecidos, porém ficou para o outro dia, lembro constantemente das interrogativas e afirmações de Malinowski quando me encontro inserida em campo, lembro de como ele falava dos "imponderáveis da vida real", que aconteciam durante a nossa inserção ao campo, me vejo vivenciando e até mesmo respondendo a sua pergunta sobre o que faríamos se fôssemos deixados por um barco em uma ilha longínqua, e respondia pra mim mesmo, nada e programado dentro do campo, não existe um cronograma a ser seguido existem apenas circunstâncias, momentos , vivencias e muito a se rever. Pois constantemente me vejo inserida em alguns percalços que acontecem, porque mesmo que a gente planeje algo e que a gente queira fazer com que tudo saia como programado existem coisas que fogem do nosso domínio como pessoas e seres humanos que estamos sempre inseridos em vários fatores. Como também diria Geertz sobre o "estar lá".

> Estar lá em termos autorais, enfim, de maneira palpável na pagina , e um truque tão difícil quanto "estar lá" em pessoa, o que afinal exige , no mínimo , pouco mais do que uma reserva de passagens e a permissão para desembarcar , a disposição de suportar uma certa dose de solidão , invasão de privacidade e desconforto físico , uma certa serenidade diante de excrescências corporais estranhas e febres inexplicáveis , a capacidade de permanecer imóvel para receber insultos artísticos, e o tipo de paciência necessária para sustentar uma busca interminável de agulhas invisíveis em palheiros invisíveis. E o tipo autoral do "estar lá" vem ficando cada vez mais ao menos parte da atenção que temos dedicado ao fascínio do trabalho de campo, esta não apenas em que essa dificuldade será entendida com mais clareza, mas também em que aprenderemos a ler com um olhar mais perspicaz. (GEERTZ, ,2002,p.38-39).

Vários fatores nos impediram de realizar o programado inclusive a demora dos foliões em chegar à vila, pois como tenho que falar para vocês que seu Zezinho e seu Amaral foram para Apinagés, e como os foliões convocados não chegaram no horário previsto precisava seguir com o batizado e a missa começaria ás 19:30 ao qual também ocorreu um atraso. A chegada dos foliões estava marcada para quinta, no entanto todos chegaram na sexta-feira dia 02/06/17 e marca a chegada do Divino.

Os foliões antes da missa eles se aquecem na salinha do lado da igreja, passando os cantos e arrumando seus instrumentos. Alguns moradores acompanha o ensaio dos foliões alguns minutos antes de anunciarem sua chegada oficial na entrada da missa de sexta-feira.

Foto 10 : Ensaio dos foliões, vila Espírito Santo, 2017.

São os personagens da festividade que abrem a missa entrando na igreja, o padre já se encontra posicionado detrás da mesa onde celebrara a missa, entra em meio ao ritual primeiramente o capitão do mastro junto, da alferes da bandeira, dos anjos e das rosas, os foliões entram logo atrás entoando seus cantos que duram uns 15 minutos. A missa então prossegue como de praxe numa missa católica e no meio da missa acontecem os batizados, os foliões cantam novamente antes de encerra a missa, encerrando de fato com as pessoas beijando a bandeira passando por debaixo da mesma e se ajoelhando para beijar a fita vermelha na salva.

Foto 11: Moradores e visitantes agradecendo o Divino, vila Espírito Santo, 2017.

A missa termina por volta das 10:00hrs e todos se reúnem do lado de fora em frente á igreja para a confraternização , do qual acontece alguns leilões e compra de comidas que se vendem nas barraquinhas.

Assim que acaba a missa, vou para casa da Mirian, jantar juntamente com os foliões e algumas pessoas que vieram de longe para participar da festividade, neste momento compro o bingo que tem como prêmio uma novilha, pela manhã me perguntaram se eu podia trazer uma caixa de foguete e como já haviam me pedido eu só confirmei que traria, pois minha mãe havia retornado o meu pedido com uma ligação dizendo que tinha comprado as caixas de foguete, e que eu traria as mesmas pela manhã.

> Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas na alma. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que e precisamente o contrato e a troca. (MAUSS, 2003, p.212).

Esta questão que (MAUSS 2003) coloca se relaciona também, a questão do "dar, receber e o retribuir", nas questões de ajuda para que o festejo tenha menos gastos indiretos do que gastos direto, depois dessa minha fala comento, com a mesma da minha intenção de voltar no mesmo dia para minha casa, pois minha roupa na qual levei de reserva já tinha usado por causa por causa da chuva que peguei logo na chegada deste dia no meio da estrada logo cedo, para lhe mostrar a impossibilidade de ficar na vila naquela noite, todos que se encontram na casa da Mirian mostram-se preocupados com a minha "insistência" em voltar, no entanto me ajudam a arranjar uma carona até a entrada da vila, liguei para casa avisando que estava vindo então percebo a mesma preocupação que eu senti por parte dos moradores da vila em minhas mães, mas segui e vim me embora peguei carona com uma família que me deixou em frete a um ponto de moto táxi não cadastrados, confesso que rolaram lágrimas não sei se de ansiedade, se foi pelo desgaste físico ou psicológico, mas neste dia me senti bem mais fragilizada, em meio ao choro me lembrava das viagens feitas e que no entanto esta me parecia com um sentimento igualitário a minha primeira viagem longe de minhas mães , porém mais carregada de uma sensação da qual não consegui lidar naquele momento, cheguei em minha casa quase meia noite.

Logo que chego em minha casa, vou logo cuidando de arrumar as coisas, coloco as pilhas da máquina fotográfica para carregar pego meu computador , vou colocando na bolsa algumas peças de roupas e uns lanches deixo a roupa que sairei de casa na manha seguinte olho no relógio e já se passam das 02:00hrs da manhã, faço isso pois passarei um tempo maior

na vila, vim também no intuito de descarregar fotos e vídeos daquele dia sabendo no entanto que precisaria de espaço tanto na máquina fotográfica como em meu celular.

No outro dia "acordo" bem cedo, pois não dormi quase nada a noite neste dia 03/06/17 sábado, faço outra rota para chegar á vila sai da parada de ônibus que fica localizada em frente ao INSS 8:00hrs da manha pegando um ônibus da rota bairro Residencial Tocantins, ainda não tinha feito esta rota levando mais ou menos uma hora e meia para chegar ate o São Felix II, pois ele transita por todo o Residencial Tocantins e só na volta que passa pelo São Felix II, chegando na entrada da vila ligo para o mesmo moto táxi que havia me trazido na noite anterior, sentindo uma forte dor nos meus rins , pois a viagem se tornar muito cansativa, mas de horas dentro do ônibus e tem uns motoristas que não enxergam buracos e nos fazem se sentir em um pula-pula ambulante e como o trajeto de moto e um pouco desconfortável , por a estrada ser ruim e muito sacolejo, que ás vezes meu rim doía tanto que até me remetia a não pensar que estava doendo.

Chego á vila por volta das 10:00hrs da manha , num todo levei cerca de duas horas até chegar a mesma, assim que chego, como de praxe, vou para casa da Mirian, acomodo minhas coisas em seu quarto, deixo meu material pronto, não troco de roupa e vou logo tomar meu café e como havia prometido trago os foguetes , neste dia o movimento era maior que no dia anterior, as pessoas já estavam arrumando o almoço e algumas comidas que seriam oferecidas nos leilões de logo mais a noite, era um entra e sai na casa da Mirian, mesas também estavam sendo espalhadas pela área aberta da vila para receber os cavaleiros , pois hoje a cavalgada sairia da "praça dos sonhos" que fica no São Felix II até chegar á vila.

Percebo que tenho uma entrada maior não apenas com as pessoas das quais entrevistei mas também com aqueles moradores com os quais falei durante os dias passados mais intensamente lá, tanto que quando me viam na vila geralmente falavam "você veio mesmo ne" , alguns moradores já sentavam comigo e proseavam sobre vários assuntos desde de como ela se sentiam , ou mesmo sobre os acontecimentos da festividade. Tenho que falar de Joaquim que nos recebe bem desde 2013, aquela pessoa acolhedora, sorridente, conversador e cuidadoso, tem a visão afetada não enxerga muito bem porém conhece a todos pela voz até a minha voz ele já conhecia.

A casa da Mirian é como um ponto de referência de toda a festividade. Na casa da Mirian estão fazendo a comida dos foliões em um fogão industrial de duas bocas enquanto no salão paroquial da igreja se usa outro fogão industrial de quatro bocas e o forno do mesmo

para assarem as comidas que serão leiloadas (frangos e porcos). Uma das barracas é das meninas que fazem parte do MAB, e estão angariando fundos para um congresso que acontecerá no Rio de Janeiro. Encontro-me à espera da decisão dos foliões se irão ou não ao cemitério ou se ainda daria para adiar para a tarde, neste momento meu corpo estar tão cansado porque a ida a minha casa resultou em apenas três horas de sono no qual meu corpo não havia parado em momento algum no dia anterior, nesta hora começo a me perguntar se eu iria aguentar todo aquele movimento que envolve a festividade , pois o ritmo das pessoas é árduo, paro e começo a observar a natureza respirei fundo sentei por uns dez minutos sentindo o vento passar pelo meu rosto respirei fundo e segui com as fotos e as conversas.

Apesar deles estarem tão próximos de um bairro considerado urbano eles se consideram rurais, tanto que e perceptível em suas falas quando alguém sai para comprar alguma coisa ou fazer algo no São Felix ou em algum bairro de Marabá eles chamam de "rua".

Neste dia 03/06/17 sábado, não houve missa, pois é dia de levantamento do mastro, e como choveu bastante, e atrasou o ritual do levantamento, resolveram fazer o Terço do Divino antes da janta (de praxe a janta é primeiro que a missa), os foliões cantam para começar o terço e cantam quando o terço termina. Depois do terço segue-se para o salão paroquial que fica do lado da igreja, sendo dividido apenas por uma parede para a janta.

Depois da janta vamos para a casa da Mirian os foliões ficam em uma tenda na estrutura de uma casa, como podemos observar na (Foto 12) ela e construída no quintal da mesma onde atam suas redes, essa casa e coberta apenas em cima e rodeada de arvores, os foliões adoram um cafezinho e uma das primeiras coisas que a Mirian fez ao chegarmos a sua casa depois de todos os rituais do dia concretizados. Neste dia 03/06/17 vou me organizando para dormir na vila, a missa que acontece durante a semana no período da noite no domingo ela acontece pela manhã (missa campal).

Foto 12: Tenda onde os foliões dormem, vila Espírito Santo, 2017.

As mulheres continuam na limpeza do salão paroquial e da igreja, na lavação dos salões e das panelas, o bingo que foi me oferecido de uma novilha era com a intenção de reformar a igreja que estava cheia de goteira, vejo concretamente pela tardezinha onde tivemos que ficar na igreja esperando a chuva passar, tem muitas goteiras na igreja tanto que alagou o salão, um dos motivos das mulheres terem ficado para limparem a igreja.

Estamos nos conversando sobre os imprevistos do dia quando escutamos barulho de música num volume bem alto, fomos então procurar saber o que estava acontecendo era uma festa organizada pelo presidente da associação dos moradores, que não tinha vinculo com a programação da festividade.

Ás 22:00hrs se encerraram todos os "rituais" programados para este dia, cada dia acaba se tornado uma etapa de vários rituais de passagens que devem acontecer durante toda a festividade. O que mais a gente faz e comer depois de organizar todas as coisas da qual demanda um trabalho intensivo das mulheres da vila. Quando chove na vila as horas parecem ser bem mais tardias se bem que neste vilarejo a gente não se atenta muito a horário a não ser os horários designados aos rituais que englobam a festividade.

Depois do cafezinho todos se organizam para dormir. Seu Joaquim (é o pai da Miriam) está assistindo uma missa televisionada, aliás, é o que ele mais faz e assistir esses programas religiosos onde passam as missas, enquanto isso os foliões estão se organizando para dormirem apesar da zuada que vem da associação e como a vila e estruturalmente pequena um

sonzinho acaba se tornando uma aparelhagem. Como já falei os foliões dormem do lado de fora no quintal em uma casa (Foto 12), eu também me organizo do lado de dentro da casa na sala em uma rede colocada pela Mirian para que eu pudesse dormir, uma redinha cheia de pombinhas do Divino desenhadas nela, a casa não é trancada com chave e apenas um pedacinho de madeira que é pregada na porta é baixada para se fechar.

Já deitada em minha rede começo a escrever no meu caderno de campo coloco tudo que eu consegui absorver durante todo aquele dia, precisei readaptar minha escrita, pois nem sempre podia estar com meu caderno de campo, escrevi notas no meu celular e quando conseguia ir à casa da Mirian eu fazia uma notação mais extensa, apesar da casa da Mirian não ser muito distante da igreja era quase sempre inviável a minha ida lá porque todas as coisas aconteciam na igreja, e qualquer segundo que eu me descuidasse eu perderia alguma coisa, apesar de às vezes eu perder alguns acontecimentos era apenas eu e às vezes acontecia varias coisas em um mesmo espaço de tempo, obtive a ajuda de um morador da vila o qual me ajudava muito e sou extremamente agradecida a ele, Erick Chavito (coordenador das 9 rosas), sem ele acho que teria perdido ainda mais coisas , ás vezes eu estava tirando a foto aqui e os foliões estavam em outro local cantando , como faria essa duas coisas sem ajuda eu iria perder sempre alguma coisa ele foi fundamental em várias gravações de cantos dos foliões.

Quando pego meu caderno para começar a escrever todos já estão dormindo na casa, lá fora alguns foliões ainda se enveredaram para o forró que acontecia na associação, neste momento encontro-me exaurida, cansada e com uma nostálgica sensação que estava perdida em meio a emaranhados de acontecimentos. Senti-me, no entanto muito acolhida pelos moradores, inclusive pelas senhoras da vila que me tratavam como filha delas o que me causava uma dupla sensação a de acolhimento e a de saudade das minhas mães, as crianças também são bastante acolhedoras e as mais curiosas também me perguntavam o que tanto eu escrevia em meu caderno, vinha e me abraçavam repentinamente.

Dia 04/06/17 domingo, acorda-se na vila com o raiar do sol, eu escutei o barulho de todos se levantando e pensando que estava sonhando continuei a dormir, quando abro os olhos já estão todos na cozinha tomando café, da sala se tem uma visão bem aberta da cozinha, e todos estavam comentando do forró que rolou a madrugada e que a maioria não conseguiu dormir, outros nem se incomodaram, o som me incomodou até o sono vir depois que o sono me pegou só acordei no raiar do dia.

Os foliões tomam seu café com alguns moradores da vila, e logo me ajeito para também tomar café, pois se tem que cuidar logo do almoço que novamente será feito por todos. As mulheres que irão ajudar no preparo do almoço tomaram café lá na casa da Mirian para que se adiantasse tudo.

No domingo de Pentecoste a missa acontece pela manhã como já relatei mais acima. A vila está a todo vapor enquanto as mulheres providenciam o almoço usando tanto a cozinha do salão paroquial, como também a cozinha da casa da Mirian, enquanto isso outros moradores estão organizando o lugar onde acontecerá a missa, que com exceção acontece do lado de fora da igreja ao lado da associação, as crianças começam a pegarem flores pela vizinhança para confecção do arco que ficara na entrada do espaço da missa campal, alguns homens e crianças também carregam as cadeiras de plásticos que serão usadas naquele espaço.

Me encontro andando de um lado a outro da vila (fiz um pequeno desenho no meu caderno de campo da minha então caminhada de todos os dias envolvendo a festividade). As setas indicam o caminho como podemos notar pelo croqui a seguir.

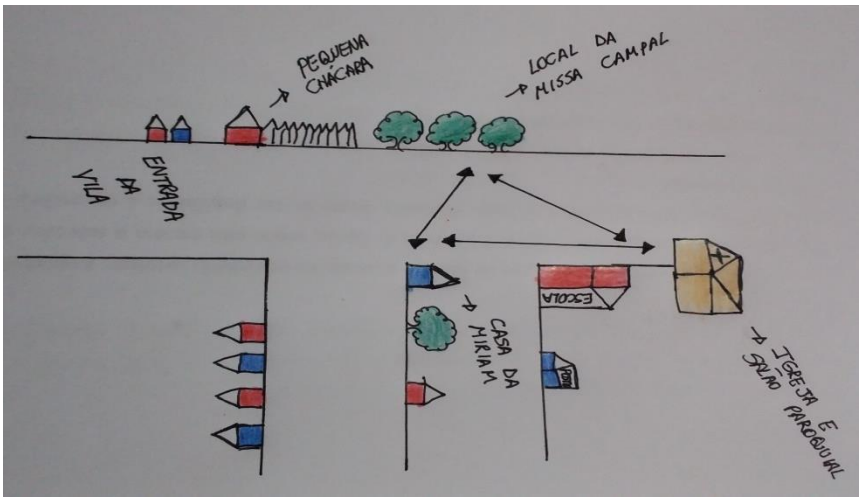


Imagem 3: Croqui dos três espaços em que a circulação é maior durante a festividade.

Várias coisas acontecem ao mesmo tempo nestes três espaços durante a manha daquele domingo. Na missa campal aconteceu a celebração da 1ª eucaristia de 22 moradores da vila.

Como já falei, são os foliões que iniciam a missa, neste dia todos os personagens da festividade saem da porta da igreja em direção ao local da missa campal, que seria como atravessar uma rua entram cantando os foliões e os, desta vez entram, o capitão do mastro, junto com a alferes, os anjos e as rosas cada rosa leva consigo um buquê de rosas, seguidos

logo atrás pelos catequizando, e logo em seguida os foliões que passam pelo arco de flores. Antes de qualquer eventual cerimônia o que escutamos primeiro sempre é o batido da caixa que se diferencia em cada ritual. Ao entrar, os foliões param em frente ao padre e fazem um canto, depois disso a missa segue seu curso normalista e tradicional, no meio da missa acontece a comunhão dos 22 moradores que passam por mais um sacramento da igreja, os foliões encerram a missa entoando outro canto.

Depois do sacramento da eucaristia as rosas distribuem o seu pequeno buquê de flores para as pessoas presentes na missa, ao qual têm por como fundamento que se você recebe um buquê de rosas de uma rosa ano que vem você deverá trazer um buquê de rosas na cor da rosa da qual lhe deu o buquê, eu recebi um de uma rosa branca então ano que vem devo levar um buquê de rosas brancas em agradecimento ao Divino.

Assim que termina a missa, a mesa do almoço já se encontra preparada para os personagens da festividade, a chamada Mesa do Imperador. São exatamente 16:00hrs e já esta quase tudo limpo, panelas que foram pegas emprestadas de vizinhos e da escola, usadas para fazer tanto a comida dos foliões, como a comida vendida para aos visitantes, e também as comidas que vão para os leilões, quase toda comida que faz parte do leilão (porco, frango, bolo) são doados porque os leilões têm a finalidade de conseguir recursos para a reforma da igreja (como já foi falado está cheia de goteiras) . Os moradores que coordenam a igreja também têm que terminar de pagar a pomba do Divino que tem bem atrás de onde o padre fica me falaram que custou uns três mil reais e feita em madeira velha.

Tudo na vila nestes dias é feito de maneira acelerada e você encontra a Mirian transitando por todos os espaços, quando se termina de fazer as coisas da manha que já foram adiantadas na noite anterior já começam a cuidar da janta.

Não estava programa para ficar ate na segunda feira porém como me foi relatado seria na segunda-feira que aconteceria a derrubada do mastro, apesar de tradicionalmente a derrubada do mastro acontecer apenas uma semana depois de terminar toda festividade, há alguns anos eles tiveram que readaptar por vários motivos um deles já foi relatado aqui como os foliões que moram na vila não ficaram geralmente e foram os foliões de outras localidades que festejaram, esse ano eles acharam mais viável conciliar a derrubada do mastro com a despedida dos foliões que acontece na segunda.

2.3 – Visitando os foliões já falecidos (caminhada ao cemitério) e um registros dos cânticos lá entoados

Na sexta-feira haviam combinado de irmos ao cemitério entoar cânticos aos falecidos, o ocorrido então foi adiado para o dia seguinte no sábado, enquanto a cavalgada ia acontecendo os foliões aproveitaram desse intervalo de tempo para fazerem a visita já que o mesmo já virou um ritual dentro da festividade e a Mirian não queria abrir mão desta parte do ritual e se articularam para fazê-lo, como eu não tinha condições físicas para uma cavalgada optei por não participar da mesma, até porque eu tinha que escolher um dos dois momentos, pois neste momento me encontrava então em meu campo solitariamente apenas com meus equipamentos, meu caderno de campo e a proteção de Deus, a vontade era de me multiplicar, porém não se foi possível.

Saímos então em destino ao cemitério Mirian, eu, os foliões e alguns moradores da vila saímos então da casa da Mirian, em destino á igreja os foliões foram pegar a bandeira, a salva e os instrumentos usados nos cantos, pois todos estes objetos ficam guardados na igreja, não nos demoramos na igreja , apenas foi pego o que tinha que se pegar e fomos a caminho do cemitério, fazemos então o seguinte trajeto ate chegar ao cemitério, no caminho paramos debaixo de um pé de jambo que fica logo atrás da igreja, lá os foliões param e fazem um canto, ficamos parados neste ponto uns dez minutos, o salveiro fica ajoelhado até o canto terminar e os foliões em sua volta, eu optei por gravar este momento , não tenho registros fotográficos deste momento , porém tento descreve-lo com o máximo de detalhe possível para vocês.

Partimos então depois do canto em uma caminhada não muito longa a partir do lugar de onde paramos, durante todo o trajeto os foliões vão cantando, o cemitério não é muito longe , porém é uma boa caminhada ate se chegar lá, seguindo um caminho em linha reta do ponto onde paramos para o canto essa caminhada leva uns cinco minutos, dobrando á esquerda beirando um muro de concreto de chão espinhoso, e não bastasse o sol que estava ardente, chega-se ao cemitério da vila, não se vê muitas covas neste cemitério, encontra-se meio abandonado, todo cercado de uma mata virgem.

Foto 13: A caminho do cemitério, foliões e alguns moradores, vila Espírito Santo, 2017.

Logo que chegamos os foliões perguntam onde fica o túmulo da Imperadora (Dona Conceição mãe da Mirian), eles param bem em frente ao túmulo e começam o cântico, pois segundo os foliões o primeiro canto deve ser oferecido à imperadora. E então eles começam a cantar:

Canto 1:

Meu Divino ia passando (2x)
No cemitério parou
Para visitar essas almas (2x)
Que desse mundo deixou
Este é o meu sabre de luz (2x)
Para nele passear (2x)
Divino Espírito Santo
Deus sabre luz acessa (2x)
Toma conta deste lugar
Meu Divino Espírito Santo (2x)
E a pomba celestial
Meu Divino ia passando (2x)
No cemitério parou
Para visitar essas almas (2x)
Que desse mundo deixou
Deus salve cruz bendita (2x)
Coloca neste lugar
Meu Divino Espírito Santo (2x)
E a pomba celestial
Deus salve cruz bendita (2x)
Onde Deus fez sua morada
Meu Divino Espírito Santo (2x)
Deus salve cruz bendita (2x)
Onde Deus fez sua morada
Onde mora o nosso deus (2x)
E a hóstia consagrada
Vou chamar pelo seu nome (2x)

Na ponta dessa bandeira
Meu Divino Espírito Santo (2x)
E o nosso pai verdadeiro
O meu nome era Conceição (2x)
Que deus revelou na pia
Deus salve Espírito Santo (2x)
E a virgem Maria
O seu nome era Conceição (2x)
Colocada lá na pia
Sendo filha de Deus pai (2x)
Neto da virgem Maria
Te ofereço esse pai nosso(2x)
Junto com uma virgem Maria
Pai nosso que esta no céu (2x)
Pão nosso de cada dia
Pai nosso que esta no céu (2x)
Pão nosso de cada dia
Maria cheia de graça (2x)
Na bandeira deste ano (2x)
Eu não sei Deus e quem sabe (2x)
Se tu volta nessa terra
Bateu asa e canta galo
Fazendo a volta primeira
Meu Divino Espírito Santo (2x)
Salve a imperadeira
La vai a pomba voando (2x)
Fazendo a volta primeira
Vai voando e dando viva
Viva a nobre imperadeira (3x)
Debaixo da terra fria
Sendo filha de Deus pai
Neta da virgem Maria
Te levanta imperadeira debaixo do frio chão (2x)
Ouvir essa palavra da boca do folião
Te levanta imperadeira debaixo da terra fria(2x)
Venha ver o Espírito Santo
Jesus filho de Maria
Bateu asa e canta galo
Bendito louvado seja(2x)
Para todo sempre amem.

Foto 14: O túmulo de Dona Maria da Conceição, vila Espírito Santo, 2017.

Logo em seguida eles fazem um canto para um alferes da bandeira, o canto é o mesmo acima, porém eles chamam pelo nome do alferes e assim sucessivamente com os cantos individuais chamando pelo nome do falecido, devido ao pouco tempo foram entoados apenas dois cânticos individuais, mas o correto é cada folião falecido ter um canto individual, mas como eles tinham pouco tempo, pois eles teriam que receber os cavaleiros, assim decidiram em respeito a todos os foliões enterrados naquele cemitério fazer um cântico coletivo para todos os foliões ali enterrados, no entanto o canto tem uma peculiaridade ele é feito no cruzeiro (representado por um ferro que fica em um ponto específico do cemitério), e é diferente do canto individual como podemos perceber adiante:

Canto 2:

Meu Divino ia passando (2x)
No cemitério parou
Veio visitar essas almas (2x)
Que neste mundo deixou
Jesus foi algum doutor (2x)
No caminho já andou
Se alembrou do seu pecado (2x)
No caminho se alembrou
No caminho do paraíso (2x)
E no cruzeiro encantado
Onde mora o nosso deus (2x)
Meu Jesus assim se sabe
No caminho do paraíso (2x)
E numa cidade e
Uma que só teve a sorte (2x)
Ouça que o Divino desse
Este e o meu sabre de luz (2x)

Balançou de canto a canto
Para nele passear (2x)
Divino Espírito Santo
Lá vai a pomba voando (2x)
Debaixo desse cruzeiro
Vai voando e dando viva (2x)
Em destino a quem morreu
Bateu asa e vai voando (2x)
No cemitério ela vai
Vai voando e dando viva (2x)
O Divino Espírito Santo
Bateu asa e canta o galo (2x)
Bendito louvado seja
Para todo sempre amem.
SALVE TODOS OS FOLIÕES.

Foto 15: O cruzeiro, vila Espírito Santo, 2017.

Foto 16: O salverinho.

Como podemos observar na foto 14 a salva fica na cabeceira dos túmulos durante os cantos. Fazemos o percurso de volta à igreja ao adentrar a igreja o rapaz que carrega a bandeira faz um dançado lindo movimentando a bandeira como uma bailarina na mão do mesmo, e todos os foliões entram como neste dia a vila esta ansiosa pela chegada dos cavaleiros da cavalgada a maioria das pessoas da vila se encontra em frete á igreja.

2.4 A cavalgada

A cavalgada aconteceu no sábado dia 03/06/17 pela manhã, em frente à igreja os foliões, a alferes da bandeira, os anjos e as rosas ficam á espera dos vaqueiros para recepcioná-los, a bandeira faz seu papel e o batido da caixa anuncia a chegada da cavalgada nisso já passa das 13:30hrs quase 14:00hrs da tarde.

Foto17: Capitão do mastro, alferes, anjos, rosas e os foliões na recepção da cavalgada, vila Espírito Santo, 2017.

Assim que os cavaleiros chegam, uma mulher que faz parte da cavalgada pede para o rapaz que está com a bandeira que dê a mesma a ela, pois ela se dizia uma devota do Divino e precisava agradecer pela proteção, neste momento todos os cavaleiros ficam de pé em cima de seus cavalos em reverência á bandeira do Divino, ela passa pelos cavaleiros com a bandeira meio desengonçada seu cavalo estava meu arisco, o locutor pede para o padre subir no carro e abençoar os cavaleiros, o padre os acompanhou durante toda a cavalgada. Perguntei a Mirian até que horas iria aquela festa, pois me perguntava constantemente se teria missa á tarde então expressei minha angústia a ela, ela me respondeu que geralmente vai ate as 17:00hrs da tarde,

é que e meio complicado pedir para pararem pois já se vão encontrar alcoolizados e eles insistirão em continuar.

Alguns moradores também me relatam em conversas informais que acham a cavalgada um evento muito bonito e que traz recursos para a festividade, porém não concordam muito pelas vendas de bebidas dizem que não fica compatível com a festividade religiosa. Os coordenadores da festividade me disseram que esse é outro meio para arrumar dinheiro já que eles não podem vender bebidas eles alugam um pequeno espaço para que alguém que queira vender as bebidas o espaço deste ano foi alugado por cinquenta reais.

A comida dos vaqueiros é preparada na cozinha da paroquia e o churrasco do lado de fora do lado da associação da vila que fica do lado esquerdo da igreja só atravessando um pequeno espaço da rua, contudo toda a preparação do churrasco se deu na noite anterior, pois o animal doado pelo coordenador da cavalgada e também morador da vila, precisava ser morto e temperado.

Assim que os cavaleiros chegam á vila atrai não somente os cavaleiros neste dia, mas também várias pessoas que vão com o propósito de se divertirem, a vila está completamente lotada de pessoas, com seus carros automotivos, muitas pessoas com sua família, e os moradores da vila se divertem.

Pude perceber na vivência todas as contradições que derivam desta cavalgada, estávamos na casa da Miriam preparando as coisas da janta quando no meio da festa, acontece no meio da cavalgada uma briga: fulano de tal bateu na cara de alguém, o fato ocorrido não foi com nenhuma pessoa da vila, e alguns vinham a mim e falavam “graças a Deus teve a briga senão seria uma labuta pra tirá-los daqui”. Confidenciaram-me também em uma conversa informal que há muitos anos não estava acontecendo a cavalgada não só pelas brigas mais também porque os pais das crianças envolvidas na festividade também bebiam e não ficavam bem para a noite , a cavalgada como me relataram não acontecia a pelo menos nove anos e era a mais séria pauta colocada na reunião do próximo ano, os coordenadores estavam decididos de que a cavalgada seria, uma semana antes ou uma semana depois do festejo tanto para que os moradores se divirtam como para que os cavaleiros também se divirtam mais, pois no mesmo dia eles têm que dar conta tanto da comida dos foliões como a dos cavaleiros e fica muito pesado para poucas pessoas fazerem isso.

Os moradores não querem se indispor também com o morador da vila que organiza a cavalgada dizem que ele ajuda muito e de todas as maneiras para que o festejo aconteça se tornando uma relação de reciprocidade.

2.5 A comensalidade como parte integrante do processo ritual

No sábado dia 03/06/17, como já havia falado, o almoço é feito para toda a comunidade, o almoço coletivo tradicionalmente acontece no sábado e domingo os dois dias "finais" da festividade, nos outros dias da festividade em que há presença dos foliões eles almoçam por conta da Mirian, ela fala que a secretaria de cultura ajuda com recursos para as comidas que os foliões consomem em sua estadia, pois sairia muito caro para eles, se eles tirassem toda a verba de seus bolsos, porém este ano a Mirian deu um tiro no escuro porque ela comprou todas as comidas e outras coisas que os foliões viessem a consumir fiado, pois a verba estava prevista para sair apenas no dia 15 do mês seguinte.

O almoço deles deve ser servido ao meio dia, como me foi falado o almoço dos foliões é oferecido pela mãe da alferes e pela mãe do capitão e entre eles se decidem quem ira oferecer o almoço e quem irá oferecer a janta.

> O dia do sábado o penúltimo dia e tudo por conta deles, já diz que o dia do capitão do mastro e da alferes da bandeira , então a gente conversa a gente reúne conversa com eles ai eles definem quem da a janta, quem da o almoço, a mãe da alferes diz que preferiu esse ano o almoço porque menina demora um pouco mais pra se arrumar pra arrumar a menina , mais aí e eles que se organiza [...] aquele dia lá de manha ate meio dia e a mesa de manha e do capitão e a mesa da noite e da alferes ou vice e versa a comunidade já observa assim qual mesa que tem mais foguete "e a mesa do capitão foi mais animado que a da alferes ou vice e versa". (MIRIAM ANDRADE, entrevista concedida no dia 05/06/2017).

O almoço para eles e oferecido em uma mesa comprida que fica no centro do salão da igreja todos os personagens da festividade comem em pé, outro detalhe é que os foliões servem as comidas uma por uma em todos os pratos que ficam na mesa, primeiro o arroz em todos os pratos, depois o feijão e assim sucessivamente, depois que todos os pratos estão completos com todas as comidas que estavam em cima da mesa, eles rezam um Pai Nosso e em seguida um dos foliões dá uma batida na mesa com a colher e todos começam a comer enquanto isso as pessoas que estão no salão, mas que não estão na mesa devem esperar os mesmos terminarem suas refeições que possa se servirem.

Foto 18: A mesa do almoço de sábado, vila Espírito Santo, 2017.

Os foliões assim que terminam sua refeição entoam um canto ainda posicionados em pé na mesa, depois fazem quatro giros em volta da mesa, depois que os giros terminam um folião puxa a fila em caminhada á igreja para que eles possam beijar a salva, estas passagens que aconteceram no almoço me lembrou muito Marcel Mauss na teoria da reciprocidade como Lévi-Strauss em seu livro intitulado cru e cozido. Todo esse ritual e seguido na janta do sábado.

No domingo na Mesa do Imperador o almoço atrasou, pois o padre demorou a chegar para missa campal o que consequentemente atrasou a missa porque os foliões não saem da missa enquanto a mesma não acaba, o padre estava em outra missa em outro bairro que começaria no horário das 8:00hrs da manhã, a missa na vila que era pra ter começado as 10:00hrs da manhã entretanto começou quase 11:00hrs e os rituais que envolvem a primeira comunhão foram demorados pela quantidade de pessoas que iriam fazer a 1ª eucaristia. São então 9 dias de festividade, na qual várias coisas se misturam entre a festividade do Divino e a igreja tradicional.

E como tradição todos os personagens da festividade e o foliões teriam que almoçar juntos (mesa essa posta para a imperatriz) confesso que me deu uma dó das crianças por já ser quase 13:00hrs da tarde e o almoço ainda iria ser começado a servir.

Neste dia o almoço teve uma peculiaridade eles seguiram o mesmo ritual já relatado durante o almoço, porém a comida colocada nos pratos foi uma porção bem pequena. Em uma

de suas entrevistas Miriam relata que ainda não tinha visto esta maneira de se fazer a mesa do imperador, pois era a primeira vez do folião que coordenou os outros foliões.

> E que no domingo eles dizem que é dia do imperador é o dia da coroação e leva a coroa pra mesa eu não sei se tu observou o Neto disse que nunca tinha visto dessa forma que o seu Joãozinho conduziu , que o seu Joãozinho ainda não tinha vindo , aí foi diferente foi primeiro só uma ceiazinha pouquinha depois eu não me lembro o que eu me lembro e que ai cantava fazia uma coroação e depois almoça a coroa ficava ali na mesa igual mas já foi diferente, e por isso que ainda hoje eu digo que não to preparada pra dizer imperadora igual eles falam igual a minha mãe a minha mãe usava ali mesmo a faixa a minha mãe tinha todo o entendimento ela já dizia mesmo vamos fazer e assim dessa forma. .(ANDRADE, entrevista concedida no dia 05/06/2017).

Foto 19: A mesa do almoço de domingo, vila Espírito Santo, 2017.

A coroa é representada aqui pela salva, comparando as duas fotos a 18 com a 19, podemos perceber a quantidade de comida dentro dos pratos, e que nessa mesa na foto 19, a salva está no centro, para se fazer o ritual da mesa do imperador.

Era perceptível o olhar de indagação das crianças, percebia isso em seus burburinhos e olhares ao perceber a pequena porção de comida dentro de seus pratos, outra coisa que eu ainda não havia relatado neste dia eles passaram uma bacia com agua para no termino da refeição todos pudessem lavar as mãos um por um, os dois copos de agua que estavam no centro da mesa foram servidos a todos que estavam na mesa um pouquinho para cada e depois para as pessoas que se encontravam no salão isso (este ritual da agua de abençoa-la com um canto é parecido com um ritual da religião espirita ao qual na religião espírita essa agua abençoada também e servida depois de uma oração), neste dia a salveira dá doze voltas na mesa sozinha. Neste momento os outros personagens continuam em pé só que se afastam um pouco para que ela possa dar essas doze voltas, sozinha em volta da mesa, parando uma vez

em cada ponta, toda vez que a mesma para ela se ajoelha e levanta a salva no sentido norte, sul, leste, oeste, neste momento os foliões estão cantando:

Canto:

> Deus salve esta mesa colocada em seu lugar (2x)
> Meu Divino Espírito Santo, A igreja era o lugar (2x)
> Deus nos salve esta mesa na frente neste altar (2x)
> Meu Divino Espírito Santo, Padroeiro do lugar (2x)
> Deus lhe pague o belo almoço que deram aqui agora (2x)
> Meu Divino Espírito Santo, A ele de o reino da gloria (2x)
> Deus lhe pague o belo almoço que deram em boa mente (2x)

E termina da seguinte maneira:

> A imperadora será abençoada
> Porque o Senhor vai derramar o seu amor.
> A imperadora será abençoada
> Porque o Senhor vai derramar o seu amor.
> Derrama oh Senhor, derrama oh Senhor, derrama sobre ela o seu amor.
> Derrama oh Senhor, derrama oh Senhor, derrama sobre ela o seu amor.

Depois do canto final, neste dia do almoço a salveira que puxou a fila assim que terminou as doze voltas, todos que estavam na mesa foram rumo à igreja para beijar a salva, depois que beijaram a salva todos puderam comer á vontade.

Na janta o mesmo ritual do almoço é da janta de sábado, só na mesa do imperador que se segue rituais diferenciados, fui então convidada a participar da mesa com os foliões e os personagens da festividade, fiz todo o ritual depois da ciranda em volta da mesa fomos direto para igreja e começaram a reza do Terço do Divino.

2.6 O levantamento e derrubada do mastro

> As cerimônias, como muito bem percebeu Van Gennep, são como as etapas de um ciclo que se deseja marcar e revelar, uma espécie de moldura especial, mesmo quando o quadro que ele determina , circunscreve e torna consciente é banal ou mesmo cruel [...]. Pois o rito igualmente sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e de mostrar, de controlar e de libertar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que esta inscrita no verbo viver em sociedade. (DA MATTA, *apud* GENNEP, 2013, pg.9-10).

Estávamos na casa da Mirian em seu quintal quando começaram a combinar que horas levantariam o mastro e marcaram para as 17:00hrs da tarde. Segundo a tradição o mastro deve ser levantado antes do por do sol, estávamos todos na porta da igreja já nos preparativos para o ritual, porém não contávamos com os imponderáveis da vida real de repente o tempo fecha e uma chuva torrencial começou a cair , muita chuva mesmo com ventania e relâmpagos, estivemos que esperar a chuva passar e enquanto esperavamos todos adentraram a igreja

enquanto esperávamos Mirian resolve fazer o Terço do Divino e pediu para que todos acompanhassem na oração, quando a chuva enfim afinou pois o chuvisco permaneceu, eu saí no chuvisco mesmo com a minha câmera , coloquei um papel grosso por cima da mesma para evitar que molhasse, os foliões saem da igreja e vão em busca do mastro, o mastro se encontrava num galpão atrás da casa do capitão do mastro, a casa do mesmo fica atrás da igreja, o mastro estava enfeitado com TNT branco e vermelho.

Foto 20: Translado do capitão do mastro, vila Espírito Santo, 2017.

Os foliões saem do local onde está o mastro, como podemos observar pela foto acima o capitão do mastro faz todo o percurso sentado em cima do mastro, o mastro é pesado e vários homens ajudam no translado até o lugar indicado e do lado do mastro estão os foliões que seguem o cortejo entoando o canto, a bandeira segue na frente e todos.

Enquanto isso, as rosas, os anjos e a alferes da bandeira o esperam em a casa da Miriam, debaixo de uma arvore, o percurso que o mastro percorre é curto, a casa do capitão do mastro fica logo atrás da igreja, o mastro vem passando por detrás da igreja até chegar à frente da mesma, eles vêm então na direção do capitão do mastro onde ocorre o encontro entre eles e todos se posicionam de frente para a igreja.

Uns três homens se juntam e começam a cavar o buraco. Enquanto eles fazem o serviço braçal os moradores cantam o seguinte canto: “Eu navegarei, no oceano do Espírito e ali adorarei ao Deus do meu amor, Espírito (2x), que desce como um fogo, fogo, fogo vem como em Pentecoste, Pentecostes e enche de novo para a glória”. Depois de cavado, as

mulheres organizam um banco para que os homens coloquem o mastro em cima para que se facilite para colocação do mesmo no buraco, o mastro é bastante pesado, ainda com o mastro em cima do banco a alferes da bandeira entregar a bandeira para que seja amarrada na ponta do mastro, aqui se dá a junção do mastro do capitão com a bandeira da alferes.

Foto 21: A junção da bandeira com o mastro e o levantar do mastro, vila Espírito Santo, 2017.

Foto 22: A bandeira da alferes, vila Espírito Santo, 2017.

Depois da bandeira ser colocada no mastro, chega a hora de fincar o mastro no chão para que fique levantado. Assim que levantam o mastro, os foliões começam a cantar em ciranda em volta do mastro essa volta é seguida do seguinte canto: “Imperador! Imperador! A

bandeira do mastro levantou (bis)", quando se termina de dar as voltas no mastro, todos os presentes seguem os foliões logo mais que termina o cântico eles vão em direção á igreja a bandeira vai na frente, (enquanto o mastro é levantado o caixeiro fica batendo na caixa).

Como falei acima a retirada do mastro se dava no sétimo dia seguinte do seu levantamento, porém no dia 05/06/17, segunda-feira, acordamos cedo não como no dia anterior, pois hoje a única programação é a derrubada do mastro e a despedida dos foliões, levantamos por volta das 8:00hrs da manha, tomamos o café e fomos para o que seria o último ritual da festividade "a derrubada do mastro", vamos primeiro á igreja pegar todos os instrumentos dos foliões e logo vamos para o local onde o mastro está fincado, para remoção do mastro envolve o trabalho de uns três homens para tirar do buraco ao qual foi fincado, utilizam também cavadores e pá para que a retirada seja feita.

Foto 23: Os foliões na derrubada do mastro, vila Espírito Santo, 2017.

Na derrubada do mastro não é entoado nenhum cântico, apenas o som da caixa do Divino é ouvido neste momento, em agradecimento ao Divino. Ao colocar-se o mastro no chão a bandeira é retirada e devolvida a alferes e todos se encaminham para igreja cantando.

Foto 24: Bandeira sendo devolvida a alferes, para que ela passe para a próxima guardiã da bandeira, vila Espírito Santo, 2017.

Já se apresenta a alferes e o capitão do ano seguinte, as famílias oferecem seus filhos para serem alfères e capitão Miriam me relata o seguinte "esses dois sempre tem todo ano nem precisa a gente bater cabeça, pois na maioria das vezes e promessa". A bandeira e passada para a próxima alferes, na qual ela fica com aquela bandeira em casa e terá que fazer uma nova bandeira para o ano seguinte, os dois passam a faixa para seus sucessores envolvidas nessas passagem cantos.

Voltamos então para a casa da Mirian onde os foliões estão se organizando para irem embora para suas casas, pois apenas um dos foliões mora na vila, enquanto isso a Mirian providencia quem os levará para suas casas. Os moradores buscam e levam os foliões.

Depois do almoço os foliões já tinham partido, porém ainda tinha muito serviço por fazer panelas pra lavar, guardar todos os adornos do Divino para o ano que vem e algumas panelas ainda estavam sujas, ainda tinha mulheres na casa da Mirian limpando a mesma e a igreja nesta segunda-feira passo á tarde a observar a calmaria da vila em meio ao fim da festividade a vila esta bem mais calma sem aquele constante movimento de pessoas saiu da vila umas 18:00hrs em destino a minha casa o marido da Mirian me leva até o muro da Construfox e dela pego um táxi e vou ate minha casa.

Ao chegar em minha casa percebo o quanto minha pele está avermelhada, estou toda inchada e picada de muriçoca que um bom tempo ficaram marcadas em minha pele, chego em casa me deparo sentada a uma cadeira com uma saudade imensa em meu peito.

2.7 Delimitações de espaço dentro da Festividade

Como relatei em meu primeiro capítulo, em meio as minhas pesquisas bibliográficas, encontrei um trabalho sobre o Divino na vila Espírito Santo, o mesmo escrito por um homem chamado Joseli Silva que também era estudante de Ciências Sociais, ao entrar no campo e explicitar sobre o meu interesse na festividade não pude perceber a sua presença no campo, porem assim que me imerso de fato a campo, começo a perceber que algumas pessoas se lembram dele. Começando a notar pontos significantes de relação de gênero.

> (...) arriscaria conjecturar que na relação entre masculino e feminino também antecipamos a combinação entre posição social/ recursos econômicos que informa noções de classe. Wagner e Sahlins consideram que a busca da produção e o projeto "ocidental". Segundo esse ponto de vista, talvez possamos explicar o fato de que o equacionamento da mulher com a natureza se mostra particularmente relevante sempre que empregamos o simbolismo do masculino. (STRATHERN, 2014, p.35).

Um dos eventos ao qual não pude participar foi a procura do mastro na mata, eles dizem que isto é "serviço de homem", ficando nítido o que li nos escritos de Joseli que nos relata:

> Começamos a descascar o tronco em meio a galhos, folhas e formigas, a ponto de o deixarmos pronto para ser levado à vila. Pois o mastro só pode ser buscado na semana do Divino. e para isto, há algumas explicações de seu Coló, "o pau...o pau depois que cai pertence ao Divino. Era algodão-brabo virou mastro. caiu já e mastro...e...e...é do Divino, não e da gente...é do santo. É santo...E essas coisas, não são...bom mulher ta passando por cima...pra lá e...pra cá...mulher pega corda!...mas faz mau" (SILVA, 2004, p.35-36).

A mulher neste contexto é vista como um ser impuro diante desta fase do ritual, entretanto observo que em todas as fases do ritual que envolve o mastro a mulher não participa (com uma única exceção na hora de enfeitar o mastro a mulher participa, mas apenas a mãe do capitão do mastro daquele ano). Vamos então ás observações, primeiramente quem cava o buraco em que o mastro e colocado são os homens, quem o ergue são os homens, quem o retira são os homens. Os homens são os protagonistas deste ritual como podemos observar pelas fotos que compõem o tópico que fala sobre o mastro, sendo que em outros momentos eu não vi nenhuma mulher tocar no mastro.

Muitas pessoas questionavam-me o que uma mulher sozinha fazia naquele lugar, perguntando até se eu era casada e esta pergunta sempre era feita por mulheres, pois na vila quase todos são casados, às vezes notava certos olhares quando puxava conversa com alguns

homens da vila, assim que percebi e mais ainda depois que uma senhora me chamou atenção dizendo o seguinte “eu sei que seu intuito é os estudos, mas as mulheres da vila não estão vendo muito bem essas conversas”.

A delimitação de espaço que eu tinha por ser mulher era grande, tanto que quando era algo relacionado a pegar peso ou saber se eu estava menstruada para ter o aval de ir ao cemitério, me indagando sobre a minha delimitação de espaço, sempre ficava muito voltada para as tarefas domésticas não que eu veja problema nisto, porém eu precisava transitar nos espaços.

A importância das mulheres na festividade é algo que devemos nos ater, pois elas dão duro para que a comida esteja pronta no horário certo, elas são como um peça-chave de um quebra cabeça, elas durante a festividade se entrega, de corpo e alma para que tudo aconteça.

3. A FESTIVIDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E SEU SIGNIFICADO RITUAL

Vários autores trabalharam com a perspectiva do ritual para poderem explicar tanto como se daria o andamento de certas sociedades desconhecidas ou não, e como todo aquele sistema que envolve vários rituais se constrói diante de significados que englobam várias perspectivas afins.

Como bem analisa o antropólogo Sergio Ferretti (1999), que nos fala que essa festividade e um ritual do Catolicismo, mas que, porém em algumas regiões maranhenses ela esta ligada ao tambor de minas. Vemos aqui uma de tantas particularidades que estão envolvidas no festejo da vila Espírito Santo.

Mariza Peirano (2003), em seu livro Rituais ontem e hoje faz um pequeno apanhado de como se dá a evolução dos estudos dos rituais durante os séculos, explicando todos os paradigmas e evoluções que surgiram diante dos estudos ritualísticos. Começando pelos exemplos de Malinowski e Boas com o Kula e o Potlach, respectivamente, que buscaram explicar o verdadeiro significado que envolvia esses fenômenos bastante contestados em seu tempo.

> A ênfase dos antropólogos na negação da irracionalidade foi central. Naquele contexto, então, o fato de o potlach ou o kula serem rituais ou não era uma questão menor. Para os estudiosos da época era mais importante fixar o significado nativo desses fenômenos. Veja como nem Boas nem Malinowski tentaram traduzir para o inglês os termos kwakiutl e trobriandês para os fenômenos que estou descrevendo, mantendo-os no original. No entanto, podemos hoje constatar os aspectos rituais de ambos: 1) como fenômenos culturais de comunicação — sem fazer sentido para os ocidentais, faziam-no para os nativos; 2) constituídos de seqüências padronizadas de palavras e atos, freqüentemente expressos em múltiplos meios — colares, braceletes, diálogos cerimoniais, músicas, pinturas corporais, cobertores, placas de cobre, posturas etc. faziam parte do repertório destes eventos; 3) a formalidade, a estereotipia e a repetição — que os nativos reconheciam e enfatizavam — marcavam os eventos; 4) ambos produziam valores sociais durante a performance — status e prestígio eram construídos ou destruídos, concepções de riqueza estabelecidas, noções de dignidade e de generosidade reforçadas.(PEIRANO, 2003, p.5)

Podemos perceber em todo o ritual do Divino que na vila e segundo o que relatei no Capitulo 2, que primeiramente esse fenômeno cultural, não me fez sentido em um primeiro momento e algumas coisas ainda não me fazem sentido porém a resistência cultural da mesma os levam a seguir tradicionalmente tudo o que os mais velhos faziam, não costumam mudar nada que envolve todas as etapas do ritual a não ser quando acontece algum imprevisto que e inevitável muitas das vezes, cada dia da festividade tem uma sequência de acontecimentos que precisa ser feita, sendo na vila passada por uma tradição familiar.

Assim a partir dos estudos de Malinowski (1978) e Boas (2004), começamos a pensar em ritual, dentro de um tempo histórico em que se pensava através da ciência e da racionalidade esses estudos começam a quebrar algumas regras pré-estabelecidas dentro da sociedade, magia e religião era algo muito contestado e que acaba se tornando um tema bem relevante para os estudos antropológicos. Para alguns, essa ligação entre magia e religião relacionada ao ritual é algo ultrapassado, porém para outros autores isso leva a algumas explicações que poderiam ajudar como se pensar a forma de sociabilidade dentro da sociedade. Podemos analisar esta dualidade a partir de Durkeim e Tylor onde Durkeim leva em consideração que os estudos sobre rituais seria necessária para que uma sociedade estivesse uma moral necessária a um certo grupo de pessoas, onde em sua concepção rituais e representações surgem como um vínculo que acaba gerando uma eficácia social, já para Tylor os rituais não se derivavam da sociedade que nem na concepção durkeiminiana , mas sim que ela seria um produto da evolução natural ele também trata os costumes como algo irracional.

Se pensarmos a festividade do Divino como algo irracional igual se pensar Tylor (1871), nos limitaríamos e deixaríamos que detalhes passassem por nossos olhos, pois se bem observamos todo o ritual que compõe a festividade podemos observar desde a chegada dos foliões que assim chamado por eles e a abertura oficial da festividade ate a derrubada do mastro momento em que se finaliza a mesma, não conseguiríamos observar que a mesma leva a uma moral segundo Durkeim (2003) nos coloca, e para aquele grupo de pessoas que moram naquela vila além de tudo e uma forma de união entre os mesmos.

Para os estudos dos rituais surge entao Van Gennep que traz com ele aspectos importantes sobre os rituais, que segundo Mariza Peirano nos coloca ele:

> [...] enfatizou a importância da troca ritual (assim antecipando Malinowski e Mauss na análise da reciprocidade); finalmente, notou a similaridade entre a estrutura dos ritos individuais e dos ritos grupais. É importante mencionar que, aderindo ao método comparativo (Van Gennep se definia como etnógrafo e folclorista), ele se afastava daqueles que, como Frazer e Tylor, davam ênfase especial à psicologia individual. Para ele, os padrões das cerimônias deveriam ser examinados como totalidades e a comparação deveria se basear nas similaridades de estrutura, mais que de conteúdo. Assim, podemos dizer que, ao contrário daqueles que propunham isolar estágios de desenvolvimento (como fetichismo, animismo, totemismo etc.), Van Gennep estava mais interessado na dinâmica da mudança que o ritual favorecia. (2003, p.16-17)

Analisando a festividade assim como Van Gennep, percebo em meio ao campo que toda a estrutura que compõe todas as fases de cada ritual deveria ser analisada de maneira geral, pois além de todos eles traziam consigo vários significados que teríamos que decifrar em meio a cada um deles. Apesar de ter lido bastante coisa sobre a festividade notei tanto

semelhança como diferença entre elas alguns rituais são seguidos ao pé da letra por todos os festeiros, porém com suas particularidades. Algumas raízes não se perderam durante os séculos da festividade.

Comparo então aqui a festividade da vila Espírito Santo com a festividade de São Luís, para tentar mostrar algumas diferenças que se tem entre as mesmas, a primeira está ligada á igreja católica já a segunda esta ligada ao culto religioso afro-brasileiro, e em algumas localidades da cidade de Marabá como no bairro do Amapá onde também se tem a festividade do Divino ela não se encontra ligada a nenhuma religião. Essas particularidades não afetam a estrutura geral da festa, pois a mesma funciona de uma maneira própria, apesar delas estarem ligadas ou não a uma religião seus ritos principais acontecem em três ou quatro dias, nos quais de fato o Divino prevalece.

Entre alguns exemplos coloco primeiramente o levantamento e a derrubada do mastro assim como a comensalidade que se vê em todas as festas do Divino, a fartura e um dos elementos bastante significativos nas festividades do Divino como Ferreti (1999) nos relata:

> O buscamento do mastro costuma ser realizado num domingo antes do início da festa. O mastro, um tronco de árvore longo com sete a dez metros de comprimento, colhido previamente pelo doador em pagamento de promessa, é levado para uma casa próxima. O buscamento constitui um ritual predominantemente masculino, realizado por homens amigos da casa, que se reúnem para carregá-lo, distribuindo-se bebidas alcoólicas e fazendo brincadeiras com conotações eróticas relacionadas aos elementos fálicos simbolizados pelo mastro. (p.8).

E continua:

> O levantamento do mastro assinala a abertura da festa. É feito à noite, com ladainha, batismo, padrinhos, império, caixeiras, música e grande animação, reunindo bastante gente. A cerimônia do levantamento exige perícia e coordenação do trabalho de vários homens, encarregados de cavar o buraco e erguer o mastro com cordas e escadas. (1999, p.8).

Como havia mencionado no segundo capítulo eu não pude participar do ritual em que se busca o mastro, pois aqui também o ritual é predominante dos homens no caso responsabilidade do pai do capitão do mastro que também é o encarregado de enfeitar o mastro para o dia do seu levantamento.

Nas cerimônias que envolvem o mastro as mulheres são quacdjuvantes nesta parte do ritual. O levantamento do mastro é acompanhado por cânticos na vila ela faz uma pequena caminhada até a igreja em alguns lugares à caminhada é um pouco mais extensa depende do espaço em que acontece a festividade.

"A derrubada do mastro é uma das etapas rituais importantes que assinalam a finalização da festa". (FERRETI, 1999, p. 10). Na vila também é onde se dá a finalização do ritual que acontece juntamente com a despedida dos foliões.

"A fartura na comida é um dos elementos simbólicos importantes dessa festa. Fala-se que quem come na festa do Divino terá sempre comida em casa". (FERRETI, 1999, p. 9). Como já falei a comensalidade é uma parte bastante significativa da festa, as comidas são muitas das vezes servidas a todos que se encontram na festividade durante dois dias da festa o sábado e o domingo e isso requer uma entrega máxima das mulheres que preparam toda essa comida, geralmente elas começam os preparos pela madrugada, dando continuidade pela manha bem cedo.

Em meu trabalho de campo a comensalidade e algo que me chamou muita atenção, tanto pela particularidade que a comida tem dentro da festividade, como pelo seu significado, todos ajudam na parte da comida apesar de no sábado e no domingo os responsáveis pelo almoço e pela janta são as famílias do capitão do mastro e da alferes da bandeira, que por uma promessa alimentam todos os personagens da festividade e também parcela dos moradores da vila, sobre as promessas é algo que eles não nos contam eles carregam a superstição de que se contarem o que envolve o pedido que decorreu na graça recebida essa graça possa ser quebrada. Eu mesma voltei uns dois quilos mais cheinha do meu trabalho de campo, pois o que mais se fazem depois do seguimento dos rituais é comer e bem.

> A confecção das vestimentas especiais para uma dezena ou mais de crianças que representam o império do Divino exige a colaboração de muitas costureiras que confeccionam um ou mais vestidos para cada menina, ternos e fardas para os meninos, todos usando luvas, sapatos novos, com manto ou "capote" de veludo bordado, para os imperadores. (FERRETI, 1999, p. 5).

Sobre as vestimentas apenas o capitão do mastro e a alferes da bandeira tem sua própria vestimenta, as rosas e os anjos usam as roupas que foram confeccionadas através de doações de moradores onde os mesmos vestem antes de começarem os rituais no salão da igreja onde as mesmas são guardadas, as mães das rosas arcam apenas com a sandália e a tiara que fazem parte do *look* usado por elas como podemos notar na fala da mãe de uma das rosas quando pergunto sobre a vestimenta que sua filha iria usar, pois a minha intenção era fotografar as vestimentas, no entanto eu não me atentei a realidade social que a vila se encontra e ela me responde o seguinte:

> Não os vestidos a gente devolve ai a tiarinha não, a tiarinha a gente fica e a sandália, ne porque mas o vestido agente devolve ne porque o vestido as vezes e da igreja também[...].Só um ano que a gente pagou num foi cumade os outro anos não que a

> mulher compra[...]. Ai vai passando pra próxima.(MÃE DA ROSA AMARELA[16], entrevista concedida no dia 27/05/2017)

Diferente dos luxos encontrados nas festividades por aí a fora a realidade da vila é diferente, os mesmo além de necessitarem de ajuda para manterem as festas eles não recebem uma atenção maior dos órgãos responsáveis eles os ajudam, mas de uma maneira irrisória, e costuma chegar a verba apenas depois do termino da festividade os moradores geralmente dão um tiro no escuro para poderem manter esta tradição.

> [...] a ideia de folclore como apenas a tradição popular, as sobrevivências populares, estendeu-se a outras dimensões. Dimensões mais atuais, mais associadas à vida do povo, à sua capacidade de criar e recriar. Tudo aquilo que, existindo como forma peculiar de sentir e pensar o mundo, existe também como costumes e regras de relações sociais. Mais ainda, como expressões materiais do saber, do agir, do fazer populares. Não apenas a legenda do herói ancestral, o mito (aquilo que muitas vezes explica, tanto a camponeses quanto a índios, a origem do mundo e de todas as coisas), mas também o rito, a celebração coletiva que revive o mito como festa, com suas procissões, danças, cantos e comilanças cerimoniais. Não apenas a celebração, o rito, o ritual, mas a própria vida cotidiana e os seus produtos: a casa, a vestimenta, a comida, os artefatos do trabalho, os instrumentos da fiadeira que vimos em Olhos d'Água algumas páginas atrás. Mais do que isso, o seu trabalho, o processo e fazer a colcha com o saber próprio de uma cultura típica. (BRANDÃO,1984, p.11)

FERRETI nos esclarece essa questão:

> Cultura e religião popular são termos muito discutidos, como a maioria dos conceitos utilizados pelas Ciências Sociais, sobretudo, devido às dificuldades de conceituação do que seja povo e popular. O termo folclore, usado como sinônimo de cultura popular, é ainda mais mal visto pelas Ciências Sociais modernas, especialmente no Brasil. A necessidade de distinguir religião popular e folclore faz com que prefiramos utilizar o conceito de cultura popular ao estudarmos a festa do Divino, apesar das reconhecidas insuficiências desse conceito. Muitos não gostam do termo cultura popular pela dificuldade de se estabelecer fronteiras entre o popular e o erudito e entre a cultura dominante e a cultura do dominado. A expressão cultura popular pode ser compreendida, segundo alguns, como uma forma mais moderna de designar o folclore. O estudo das religiões praticadas pelas classes subalternas pode ser denominado de religiões populares, embora o conceito de religião popular seja também motivo de discordância entre os estudiosos. Ainda nesse campo de estudos, outro conceito objeto de discórdia é o de sincretismo, que quase sempre aparece como um "aglomerado indigesto", com a conotação pejorativa de mistura impura e confusa de conceitos e idéias divergentes.(1999,p.4).

Este empasse que se dá entre trabalho com certos conceitos, derivam de muitas pesquisas já realizadas, onde certas pesquisas englobam deste o conceito de Folclore ou ate mesmo o conceito de cultura popular, a festividade se enquadra em uma cultura popular onde também pode derivar do conceito religião popular e ate mesmo folclore. Fico então com a concepção de Deslandes (2002) onde a mesma fala:

> Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, da conta de explicar tosos os fenômenos e processos. O investigador separa, recorta determinados aspectos significativos da realidade para trabalha-los, buscando interconexões sistemáticas entre eles. (p.18).

[16] Nome fictício.

A verdade e que tudo compõem um processo de bricolagem onde a partir da perspectiva de cada pesquisador, teorias vão surgindo compondo ela os seus mais variados conceitos, na festividade do Divino não é diferente suas particularidades resultaram em uma bricolagem onde cada pedaço ou fase do ritual se dá em uma maneira que complete ou incremente a outra nada nestes rituais são apenas repetidos, mas sim culturalmente aprendidos onde sofrem mudanças decorrentes de várias coisas que envolvem aquelas pessoas que estão à frente do mesmo.

Na vila o ritual em si que envolve a festividade se dá como uma maneira de resistência tanto cultural, como familiar, o prazer que os moradores têm em manter é uma coisa inexplicável, pois mesmo sem um apoio mais centrado, eles não param a caminhada e acabaram por caminhar com suas próprias pernas. E com a possível implantação da UHE-Marabá é bem mais perceptível essa busca em manter suas tradições.

3.1 A barragem x Cultura imaterial

A energia gerada por essas hidrelétricas atendem aos interesses do grande capital, tendo em vista que essas empresas pagam menos pela tarifa da energia gerada do que os domicílios. Em lugar de gerar desenvolvimento, emprego e oportunidades para a região, significa gerar energia para as grandes indústrias de mineração dessa e de outras regiões mais desenvolvidas do país, deslocando a população para áreas periféricas causando inúmeros problemas sociais e ambientais.

A dinâmica de vida dos moradores da vila Espírito Santo segue a lógica de produção e reprodução de seu meio material; formada inicialmente por membros de uma família á vila acabou por se tornar um lugar onde o Estado cumpre seu papel de regulador e protetor do grande capital. A vila Espírito Santo que será atingida pelo projeto de aproveitamento hidrelétrico de Marabá-Pará-Brasil, vai produzir energia para atender principalmente os grandes projetos econômicos da região, além de possibilitar a navegabilidade do lago que vai se formar em uma parcela do Rio Tocantins que está ligada também a derrocada do Pedral do Lourenço. Uma das justificativas para o projeto é a hidrovia Araguaia Tocantins já que a mesma fará a integração e facilitará o escoamento de diversos produtos da região, o minério é um exemplo.

Não poderia passar por esse trabalho sem mostrar como a barragem além de trazer vários problemas socioeconômicos, afetara de maneira direta a festividade, pois a mesma

desloca toda a população de sua localidade atual e para onde irão esses moradores? Será que os mesmos irão para uma mesma localidade? Como se dará suas relações depois dessa remoção de localidade? São perguntas que ainda deixam os moradores apreensivos apesar de acompanharmos essa situação desde 2013, essas indagações e algo que ainda e permanente na vila até sabermos se a hidrelétrica será implantada ou não, acaba se tornando um pesadelo para todos os moradores da vila. Como podemos perceber na fala de alguns dos moradores:

- ✓ "Eu sou contra acho que vai mexer com quem tá quieto, estão nos tratando como se nos fossemos ninguém." (FALA DE UM MORADOR DA VILA)
- ✓ "Para quem vive do rio sem peixe não dá." (FALA DE UM MORADORA DA VILA)
- ✓ "Não acho certo a pessoa que nasceu aqui e se criou, mas que não sabe para onde vai." (FALA DE UM MORADORA DA VILA)
- ✓ "Isso deixa a gente preocupado." (FALA DE UM MORADOR DA VILA)

Todas essas incertezas também giram em torno da festividade, todo esse aspecto social estará comprometido, a perda da terra, casas, igrejas, clubes, escolas, comércio caracteriza a perda dos meios materiais de vida. Não podemos esquecer-nos de outros aspectos que são menos evidentes para a lógica do grande capital e se caracterizam como perda dos meios imateriais, como a festa do Divino Espírito Santo que a comunidade realiza, que traz consigo também a destruição de laços e redes sociais, perdem vizinhos, amigos de infância, laços de pertencimento aspectos esses quase nunca ou "jamais" são levados em conta nas políticas de construção das barragens, que é o tempo que um projeto leva o sofrimento dos moradores começa muito antes, na vila os moradores assim que entramos a campo se queixam muito da falta de informação, hoje eles se encontram bem mais envolvidos com as politicas de proteção a esse lugares como o (MAB).

> Em outras palavras, estabelecer que determinado grupo social, família ou individuo é, ou foi, atingido por determinado empreendimento significa reconhecer como legitimo- e, em alguns casos, como legal- seu direito a algum tipo de ressarcimento ou indenização, reabilitação ou reparação não pecuniária (VAINER, 2008, p. 40).

Embora esse ressarcimento não abranja neste valor imaterial das coisas, assim é a logica do grande capital que pensa que dinheiro compra tudo, mas ao contrario o dinheiro ás vezes destrói pessoas , valores culturais e morais das comunidades onde o "progresso" passa.

> Os conflitos sociais começaram a se projetar, pondo em destaque tanto os problemas socioculturais causados pela implantação da barragem de Tucuruí, quanto os agentes sociais acometidos por estes problemas. Estes últimos, de uma forma ou de outra, puseram em questão a positividade daquele empreendimento hidrelétrico na medida em que tornaram públicas as situações de desestabilização social que surgiram em decorrência de sua existência. (SILVA, 2014, p.61).

A lógica que a midiação nos coloca diante destes grandes empreendimentos, passa longe da verdadeira amplitude das consequências decorrentes desses grandes negócios, temos um exemplo bem claro de toda essa dinâmica é a terra indígena Mãe Maria, em Bom Jesus do Tocantins (PA), que abriga três etnias, que também será atingida pela obra da UHE- Marabá, sendo que a mesma reserva foi criada para abrigar índios afetados pela usina de Tucuruí. Como relata Philip M. Fearnside (2002).

Analisando assim na perspectiva dos moradores da vila Espírito Santo temos que enfatizar aqui que toda essa lógica do grande capital afetará diretamente em sua cultura, pois como realocar todos aqueles moradores para uma nova dinâmica de vida onde todos serão impactados com essa nova dinâmica desde os mais novos aos mais velhos, como construir novas relações sociais sem perder as relações sociais construídas durante longos anos, sem falar que a dinâmica da cidade grande não permite a essas pessoas que elas tenham a mesma circulação que os mesmos têm dentro da vila.

Alguns moradores nos relatam que o lugar onde moram e muito sossegado as pessoas não precisam de trancas ou cadeados para dormirem a noite, e eu constatei toda essa simplicidade que engloba a dinâmica de vida daquelas pessoas, a casa onde eu fiquei para o procedimento do meu trabalho de campo era fechada a noite apenas com um pedaço de madeira que servia como ferrolho para se fechar a porta, todos se conhecem , a relação de ajuda é mutua, o sossego e ar que respiramos não e nada comparado á cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura brasileira é bastante diversificada, devido às várias influências sofridas no decorrer dos séculos como podemos ver a partir da historicidade da festividade ter raízes europeias. Sabemos que ela é aprendida através de um processo de transmissão dos mais velhos para os mais novos e sendo vivenciada mediante os diversos grupos que a mantém. Como podemos perceber no decorrer deste trabalho é visível a luta em busca da resistência na tradição da festividade entre os moradores e principalmente pela filha de Dona Conceição.

A pesquisa se torna então um emaranhado de relações que acabam se formando no decorrer do trabalho, tanto nos relatos formais como nos relatos informais, e possível notar como essas relações são construídas ao longo da história da festividade na vila Espírito Santo. Nos relatos percebemos a dimensão que tinha e que se tem agora em um tempo presente sabemos que em algumas cidades a festa do Divino é feita de forma diferenciada, seja ela por um apoio financeiro, ou por uma maior concepção de espaço em que se encontra inserida.

Os personagens envolvidos na festividade seja ele pensado a partir do macro para o micro, em geral todos estão envolvidos com o rito. Homens, mulheres, idosos e, especialmente, as crianças mantêm e reconfiguram a festa. Como foi exposto no decorrer dos capítulos, a festa é repleta de símbolos: fitas, trajes brancos, vestes dos anjos e das rosas , a salva, a bandeira, o mastro, a comida. Emblemas estes que deixam a festa mais ritualística. Onde o ritual acaba passando por uma reestruturação em seu contexto geral, e que a cada ano em que a mesma acontece às particularidades surgem como um emaranhado de relações.

Todo este ritual que acaba sendo envolvido juntamente com os comportamentos seja ele através do banquete, das danças ou ladainha, incorporaram o contexto no qual os indivíduos cumprem a parte ritualística da festividade. Esses comportamentos são reinventados e transformados, porque o tempo, espaço e a cultura imprimem no rito, particularidades, os indivíduos vão ao longo dos anos ressignificando a festividade.

As imagens que constam neste trabalho é uma das coisas mais significativas para este trabalho, pois através delas insiro mais profundamente os leitores dentro da festividade. Eles, de certa forma, estão isolados do mundo e isso acaba enfraquecendo tanto sua cultura como seu meio social.

O material usado nesta pesquisa é bastante extenso, digo aos leitores que não usei nem metade de todo material coletado no trabalho para este campo, pretendo usar todo este material em produções futuras, os vídeos gravados estão sendo estudados para um futuro documentário, os cantos pretendo fazer deles um mini-caderninho, para que eles possam ficar disponíveis para gerações futuras, pois alguns desses cantos estão apenas nas memorias dos foliões, não se tem registro dos mesmos em nenhum lugar nem mesmo na Fundação Casa da Cultura de Marabá.

Esta pesquisa não se encerra por aqui, há muitos caminhos a serem percorridos através da mesma, pois ela é um arcabouço de materiais aos quais precisam ser mais aprofundados em pesquisas futuras, pois como falei há apenas um trabalho com esta temática escrito nesta localidade a qual a pesquisa se encontra. Por outro lado a questão da barragem se encontra bastante pertinente em alguns trabalhos, a questão e que aqui busquei enfatizar o "O Festejo do Divino" para além da visão capitalista, dando ao trabalho uma questão que quase ninguém percebe, e que e de igual valor.

A pesquisa que teve começo em 2013, com a questão da barragem e seguiu em diante numa visão em que se entrelaçam e acabou resultando neste trabalho, agora minha visão e caminhar com as mesmas, rumo a novos horizontes, pois a festa do Divino precisa ser reavivada e mostrar aos moradores que existem pessoas interessadas em ajuda-los, convido aos leitores a também ajuda-los.

REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS:

Entrevista coletiva. Mirian Rodrigues de Andrade. [27 de maio 2017] Entrevista concedida a: Priscila Dias Pinto e Sheila Kaline Leal da Silva. Marabá, 2017.

Entrevista coletiva. Mãe da rosa branca. [27 de maio 2017] Entrevista concedida a: Priscila Dias Pinto e Sheila Kaline Leal da Silva. Marabá, 2017.

Entrevista coletiva. Mãe da rosa amarela. [27 de maio 2017] Entrevista concedida a: Priscila Dias Pinto e Sheila Kaline Leal da Silva. Marabá, 2017.

Entrevista coletiva. Seu Zezin. [27 de maio 2017] Entrevista concedida a: Priscila Dias Pinto e Sheila Kaline Leal da Silva. Marabá, 2017.

Entrevista coletiva. Mirian Rodrigues de Andrade. [05 de junho 2017] Entrevista concedida a: Priscila Dias Pinto. Marabá, 2017.

FOTOS:

Priscila Dias Pinto
Sheila Kaline Leal da Silva

SITES CONSULTADOS:

http://www.a12.com/vaticano2/teologos-debatem-convergencias-e-divergencias-do-conciliovaticano-ii/. Acesso em: 02 jun.2013

http://mb-soft.com/believe/ttsm/litany.htm. Acesso em: 06 jun.2013

http://irmandadesaosebastiao.blogspot.com.br/2011_11_01_archive.html. Acesso em: 06 jun.2013

http://www.inhangapi.pa.gov.br/geografia.htm. Acesso em: 09 jun.2013.

http://www.ides-sc.org.br/divinafesta. Acesso em 29/05/17.

http://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/festa-do-divino. Acesso em 29/05/17.

https://www.visiteobrasil.com.br/brasil/norte/festas-populares. Acesso em 29/05/17.

http://www.portaldodivino.com/. Acesso em 02/05/17.

http://museudodivinodeoeiras.blogspot.com.br/2010/07/festa-do-divino-espirito-santo-origem-e.html. Acesso em 29/05/17.

http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/188.pdf. Acesso em 30/05/17.

http://festadodivino.org.br/. Acesso em 30/05/17.

http://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/site/calendario/maio/. Acesso em 30/05/17.

http://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/Festa-do-Divino/483241. Acesso em 30/05/17.

http://justicanostrilhos.org/. Acesso em 30/05/17.

http://www.naturezabelavida.com.br/garimpo-diamantes-maraba-impactos-ambientais/.

Acesso em 30/05/17.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Martha. **O Império do Divino – Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000. Disponível em < https://pt.scribd.com/document/350919093/Abreu-Martha-Campos-O-imperio-do-divino-pdf>. Acesso em 15/06/17.

AIRES, Maria do Socorro. **Festa de Sant'Ana e Divino Espírito Santo no terreiro Fé em Deus: as relações do pesquisador no campo**. (Dissertação de Mestrado), São Luis 2014. Disponível em < https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/583/1/Dissertacao-MariaSocorroRodriguesSouzaAires.pdf>. Acesso em 15/06/17.

BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana**, **1883-1911**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

_____. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. 109p.

BATALHA, Luís. **Descodificando o parentesco**. In: Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Vol.43, 2003, p.97-117.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência**. Rio de Janeiro: Sextane, 2000.

_____. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. Vozes, 12ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - **Memória do sagrado Estudos de religião e ritual**. Disponível em < http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/memoria_sagrado.pdf.> Acesso em 15/06/17.

_____. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 19798.

_____. **O que é folclore - Sitio Rosa dos Ventos.** 1984. Disponível em < http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oquefolclore.pdf.> Acesso em 15/06/17.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo.** São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A música litúrgica no Brasil: um subsídio para quantos se ocupam da música litúrgica na igreja de Deus que está no Brasil, estudos da cnbb 79, São Paulo: Paulus, 1999.

CORDEIRO, M. S. S. **O narrador e o etnógrafo: uma leitura de Argonautas do pacífico ocidental, de Malinowski**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 44, n. 2, jul/dez, 2013, p. 111-126.

CLIFFORD, James. **Sobre a autoridade etnográfica**. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro:** Editora UFRJ, 1998.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**/ Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecilia de Souza Minayo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DA MATTA, Roberto. "O oficio do etnólogo ou como ter 'Antropological Blues'". In: NUNES, Edson (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DOSSIÊ IPHAN FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO PIRENÓPOLIS – GO. Disponível em < http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_festa_%20do_divino_pirenopolis.pdf.> Acesso em 16/06/17.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIGUEIREDO, Napoleão & SILVA, Anaíza Vergolino e. **Festa de Santo e Encantados.** Belém, 1972. Academia Paraense de Letras.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Festa do Divino no tambor de mina: Estudo de ritos e símbolos na religião e na cultura popular**. In: XXV Conférence de la Société Internationale de Sociologie des Religions (SISR) Université Catholique de Leuven, Bélgica, de 26-30 juillet 1999.

FEARNSIDE, Philip M. **Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)**. C.P. 478 69011-970.17 de abril de 2002 -28 de julho de 2002.

FELIX, João**. O Divino e o Encantado: um estudo etnográfico sobre a festa açoriana do Espírito Santo no subúrbio do Rio de Janeiro.** (Dissertação de Mestrado), 2010. Disponível em < http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3380> Acesso em 16/06/17.

GEERTZ, Clifford. Obras e Vidas – **O antropólogo como autor**. Tradução de Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem: um estudo sistemático dos ritos da porta de soleira, da hospitalidade, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estaçoes, etc.; tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta.** 4. Ed. Petropolis, Vozes, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: 2 ª Ed. Edições Vertice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, 4. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

LEDA, M. Martins, **A cena em sombras.** São Paulo, Ed. Perspectiva, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**; tradução de Rosa Freire d´Aguiar. - São Paulo: Cia. Das Letras, 1996, p. 49- 58, 362 – 372.

_____. **Lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas colocados por seu ensino**. In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991, p. 415-416.

Lobato, Mateus Monteiro. **Migração na fronteira: pelos caminhos do migrante até Marabá-Pa**. (Dissertação de Mestrado) -2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dadiva. Forma e razão das troca nas sociedades arcaicas**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003: 185-314.

MAGALHÃES, Sônia. **Lamento e Dor. Uma análise sócio-antropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens**. (Tese de Doutorado), 2016. Disponível em < http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/teses/teseTurma2003-SoniaSantos.pdf> Acesso em 22/06/17.

MARANHÃO, Secretaria de Estado da Cultura/ CCPDVF. Memória de Velhos. Depoimentos. Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. Vol. 1. São Luís: Lithograf, 1997. Depoimento de Dona Maria Celeste Santos, p. 87- 164.

MESSIAS, Noeci**. Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO.** (Tese de Doutorado), 2010. Disponível em < http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/1219/1/Tese%20Noeci%20C%20Messias.pdf>. Acesso em 16/06/17.

NETO, A. J. S; AMARAL, P. L. **Os Imponderáveis da Etnografia Religiosa: Uma Análise Sobre o Trabalho Etnográfico no Campo da Religião**. Mneme – revista de humanidades, 11(29), 2011 – jan / julho, p.492-505.

OLIVEIRA, F. Ysthéfane. **As Narrativas Orais Da Festa Do Divino: Um Olhar Proppiano Do Assunto**. UFPA, 2008.

_____**. Corpo Divinu...A Performance do Seu Julico na novena do Divino Espírito Santo em São Tomé**. ICA: 2010.

_____. "Divinu" performance: o corpo na festa do divino espírito santo no século XIX, no Pará e suas imbricações com a performance e a cultura. ENSAIO GERAL, Belém, v1, n.2, jul/dez 2009.

_____. "Um santo só de passagem": festa e performance numa comunidade amazônica. (Dissertação de Mestrado), Belém, 2013.

OLIVEIRA, R. Cardoso de, **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 1998.

PEREIRA, Keyla Cristina. **Império do divino: uma análise etnocenológica sobre os personagens da festa do divino espírito santo em são Luís-MA.** (Dissertação de Mestrado), São Luis 2012. Disponível em < https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/19>. Acesso em 16/06/17.

PEREZ, Léa Freitas. **Antropologia das efervescências coletivas.** In: PASSOS, Mauro. (Org.) **A festa na vida**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.2003.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROCHA, Maria. **A Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão: Uma Proposta de Glossário.** (Tese de Doutorado), 2008. Disponível em < http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6619/1/2008_dis_fsrocha.pdf> Acesso em 16/06/17.

SILVA, Joseli. **Da beira do rio e da festa do divino - um olhar sobre o processo de formação histórica da vila Espírito Santo. Boletim Técnico da Casa da Cultura de Marabá**, 2004.

_____. Foliões, devotos e Promesseiros: um olhar sobre o "velho" e o "novo" na festa do divino da Vila Espírito Santo. 2006.

SILVA, Cristiano. **A comunicação da Usina Hidrelétrica de Marabá traduzindo uma situação social de conflito: reflexões a partir da vila Espírito Santo (território ribeirinho do sudeste paraense).** (Dissertação de Mestrado), 2014. Disponível em < https://pdtsa.unifesspa.edu.br/images/finalCristiano.pdf> Acesso em 22/06/17.

SILVA, S. K. L.; PINTO, P. D. **A construção da hidrelétrica de marabá e a vila do espírito santo.** Marabá; 2016. Disponível em < http://gepemssp-unifesspa.com.br/arquivos/Anais%20Semin%C3%A1rio%20Amaz%C3%B4nia.pdf>Acesso em 03 de jul. 2017.

SILVA, F. A. C**. A festa do divino espírito santo e a religiosidade popular em araguaína tocantins**. Disponível em < https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Francisco_de_Assis_Cruz_da_Silva_-_A_Festa_do_Divino_Esp%C3%ADrito_Santo_e_A_Religiosidade_Popular_em_Aragua%C3%ADna_Tocantins.pdf> Acesso em 24/06/17.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaio**. Ferrari, Florencia. Dullei, Iracema; Pinheiro, Jamille; Valentini, Luísa. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura:** tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom**. London: John Murray, 1871.

VAINER, C. B. **Conceito de "Atingido": Uma Revisão do Debate**. In: ROTHMAN, F. D. (Ed.). Vidas Alagadas: Conflitos Socioambientais, Licenciamento e Barragens. Viçosa: Ed. UFV, 2008. p. 39-62.

VILLACORTA, G. M. **"Rosa Azul" uma xamã na metrópole da amazônia**. (Tese de Doutorado), 2011.